



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ALEXANDRE DANIEL PAULINO DE HOLANDA

**A ESCOLA DOS ANNALES: domínio intelectual a partir de uma nova  
perspectiva (1929-1968)**

Recife

2022

ALEXANDRE DANIEL PAULINO DE HOLANDA

**A ESCOLA DOS ANNALES: domínio intelectual a partir de uma nova perspectiva (1929-1968)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora na Universidade Federal de Pernambuco, como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciado em História.

**Orientador:** Dr. Bruno Kawai Souto Maior de Melo

Recife  
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Holanda, Alexandre Daniel Paulino de.

A Escola dos Annales: domínio intelectual a partir de uma nova perspectiva  
(1929-1968) / Alexandre Daniel Paulino de Holanda. - Recife, 2022.  
77 p.

Orientador(a): Bruno Kawai Souto Maior de Melo  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de  
Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, História - Licenciatura,  
2022.

1. Escola dos Annales. 2. História intelectual. 3. Paul Ricoeur. 4. René  
Girard. 5. Poder. I. Melo, Bruno Kawai Souto Maior de. (Orientação). II. Título.

900 CDD (22.ed.)

ALEXANDRE DANIEL PAULINO DE HOLANDA

**A ESCOLA DOS ANNALES: domínio intelectual a partir de uma nova perspectiva (1929-1968)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora na Universidade Federal de Pernambuco, como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciado em História.

**Aprovada em:**

**Banca examinadora:**

---

Prof. Dr. Bruno Kawai Souto Maior de Melo  
Orientador (Universidade Federal de Pernambuco – UFPE).

---

Prof. Dr. Arnaldo Martin Szlachta Junior  
Membro Titular Interno (Universidade Federal de Pernambuco – UFPE).

---

Prof. Dr. Afrânio Carneiro Jacome  
Professor (Secretaria Estadual de Educação da Paraíba).

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que de alguma forma tenham contribuído para o desenvolvimento do atual trabalho e de minha formação intelectual. Agradeço à Universidade Federal de Pernambuco e ao departamento de História em especial pelas excelentes aulas e por todo apoio dos professores em capacitar os estudantes. Agradeço ao Centro de Educação pela enorme preocupação com a formação humana dos licenciandos que ali estudam. Agradeço ao meu professor orientador Dr. Bruno Kawai pela disponibilidade e sugestões que permitiram finalizar esta monografia. Muito Obrigado!

A minha família tem um papel fundamental na minha formação como pessoa. Sou o que sou hoje graças a minha mãe e minha irmã. Obrigado, Milena, por todo carinho e atenção a fim de proporcionar anos cada vez melhores para a nossa família. Obrigado, minha mãe, Maria Helena, por acreditar em mim e me apoiar incondicionalmente no meu sonho de virar professor. Sem vocês eu não sou nada. Com vocês eu tenho tudo.

Agradeço a Deus por me transformar nesses últimos anos. Não foram anos tranquilos. Mas todas as dificuldades foram superadas com muita dedicação e trabalho. Entrei desrido há cinco anos e hoje saio revestido com uma nova consciência. Enveredo por caminhos já traçados e espero encontrar os meus irmãos em breve...seguindo os mesmos passos. Que as nossas ações sejam uma imitação d'Ele.

*A história escreve o poder, é seu horizonte, seu sentido, seu espelho, ela lhe é consubstancial.*

(DOSSE, 1994, p. 37)

## RESUMO

O presente trabalho tem como tema a Escola dos Annales e a problemática da hegemonia e longa duração desse movimento na França. O nosso objetivo reside na valorização dos estudos sobre a história dos intelectuais e sobre a historiografia a partir de uma nova hipótese que une as abordagens de Paul Ricoeur e René Girard. O resultado alcançado com a pesquisa consiste em apresentar uma nova narrativa histórica que procurou revelar a estrutura do desejo mimético que conduziu os historiadores dos Annales em uma obediência tácita às vontades dos pais fundadores do movimento. O “desejo de imitar” será o fio condutor ao longo de toda a presente monografia e será a fórmula para o desenvolvimento de uma nova teoria sobre o poder, de inspiração girardiana. O desejo de “salvar a História” de Marc Bloch, Lucien Febvre e Fernand Braudel, isto é, o desejo de garantir à História certa legitimidade como disciplina acadêmica será também o desejo de todos os demais historiadores pertencentes ao movimento. Esse desejo imitativo é também uma obediência e, portanto, revela um novo esquema de interpretação sobre o poder. O objetivo principal reside em demonstrar a importância de uma “arqueologia do desejo” na História.

**Palavras-chave:** Escola dos Annales. História intelectual. Paul Ricoeur. René Girard. Desejo mimético. Poder.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>2. A CONSTRUÇÃO DO MOVIMENTO DOS ANNALES.....</b>	<b>14</b>
2.1 A morte de Marc Bloch.....	16
2.2 A luta de Lucien Febvre.....	26
2.3 O tempo em Fernand Braudel.....	33
2.4 Um breve interlúdio.....	41
<b>3. A VITÓRIA E O DOMÍNIO DOS ANNALES NA FRANÇA.....</b>	<b>43</b>
3.1 Estratégias e debate historiográfico.....	45
3.2 A emergência dos indivíduos.....	51
3.3 Uma interpretação mimética da Escola dos Annales.....	59
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>68</b>
<b>5. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>75</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Há algo de impactante e misterioso na Escola dos Annales, esse movimento que nasce da associação de dois historiadores franceses, Marc Bloch (1886-1944) e Lucien Febvre (1878-1956), ambos inspirados no mesmo sentimento de renovação da disciplina histórica em seu país. O início é lento e monótono ainda na década de 1930 e torna-se bombástico no pós-guerra. Algo havia acontecido. Os Annales deixam de pertencer a um movimento marginal de renovação historiográfica e passam a dominar diversas instâncias na historiografia francesa. François Furet admite que a vitória dos Annales é total já nos anos 1960: “uma espécie de unanimidade entre os historiadores da minha idade”<sup>1</sup>. O movimento se torna popular, mainstream e hegemônico. Há historiadores dos Annales em todos os lugares do espaço de respeitabilidade acadêmica na França. E todos esses homens e mulheres, mesmo quando admitem algum grau de ruptura com as ideias originais de Marc Bloch e Lucien Febvre, ainda sim recorrem aos pais fundadores para buscar novas inspirações e fórmulas secretas para pensar o ofício do historiador.

A história<sup>2</sup> da Escola dos Annales é profundamente marcada pela presença desses dois homens: Marc Bloch e Lucien Febvre. Também aparece aqui a figura de Fernand Braudel. O poder de atração desses autores sobre os jovens historiadores da segunda metade do século XX impressiona a todos. Pierre Chaunu (1923-2009) acreditava que somente havia História a partir dos Annales: “Para ele, a História – a verdadeira história – nasce em 1929”<sup>3</sup>. É esse impacto místico, essa sedução por meio das palavras que não pode ser ignorada quando se estuda a Escola dos Annales. É um sentimento compartilhado por diversos historiadores franceses no século XX de que a História era uma ciência recém despertada, recém-saída do sono dogmático das grandes narrativas paralisantes. Uma maioria significativa dos pupilos e herdeiros daquelas palavras de Bloch, Febvre e Braudel pensavam assim.

Jacques Le Goff (1924-2014), um dos melhores representantes desses herdeiros dos Annales, repete os dizeres de Marc Bloch no prefácio do livro *Nova*

<sup>1</sup> FURET, François. **A oficina da história**. Lisboa: Gradiva, 1991, p. 7

<sup>2</sup> Utilizaremos História para nos referirmos à ciência histórica e história para o fluxo dos acontecimentos ao longo de toda esta monografia.

<sup>3</sup> BARROS, J.D'A. **Teoria da História - Volume V: A Escola dos Annales e a Nova História**. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 92

*História*: “A história não é apenas uma ciência em marcha. Também é uma ciência na infância”<sup>4</sup>. Pensar que a História está em seus primeiros anos contribui com a noção de que é necessário permeá-la de nova inteligibilidade: aos infantes urge o patrocínio dos adultos. Nesse novo mundo que surge aos homens é a Escola dos Annales -- ou melhor, são os seus herdeiros – que se posicionam como os responsáveis por proteger, cuidar e dar continuidade à História. E isso aprenderam com os “pais” fundadores. Eis a maior característica do movimento dos Annales: não um programa, tampouco um novo paradigma historiográfico -- mas sim uma nova sensibilidade histórica marcada profundamente pelo despertar de uma consciência fundada a partir das tragédias do século XX. Um estado de ser, um certo posicionamento diante da História e da história.

Compreender a vitória e o domínio dos Annales na França perpassa necessariamente por essa noção de salvação. A História precisava ser “salva” para que a história do homem e da civilização tivesse continuidade. E salvar a História é garantir a própria legitimidade da disciplina, tema caro a Marc Bloch e Lucien Febvre, e que ainda atingirá com força Fernand Braudel, impactado pela emergência das ciências sociais no pós-guerra. Eis algo que permanecerá no imaginário de todos os seguidores do movimento dos Annales com maior ou menor profundidade: a ameaça do fim da civilização histórica, esta que é a Civilização Ocidental, pairava no ar como uma bruma ameaçadora. A civilização história é aquela que apreciava a permanência de seus contos, narrativas e histórias e que parecia odiar tudo isso em 1945: seria o fim da civilização que tratava a História como uma de suas maiores conquistas. Era aí que residia o perigo e era nessa instância que os historiadores deveriam se posicionar.

Mas essa História sempre permaneceu um tanto quanto confusa. No meio do caminho para a possibilidade de entender a Escola dos Annales, quase sempre surgem teorias e interpretações distintas que aumentam a impossibilidade de se compreender o próprio movimento em si. Um bom exemplo pode ser dado a respeito da questão que envolve a chamada “mitificação da Escola dos Annales” e as teses que procuram avaliar se a Nouvelle Histoire dos anos 1970 representa uma ruptura ou uma continuidade legítima com a Escola dos Annales. Entendê-las é fundamental para apreciar a presente monografia.

---

<sup>4</sup> LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990, p. 21

A grande “lenda” dos Annales consiste em anunciar Bloch e Febvre como dois intelectuais marginalizados. Dois historiadores que supostamente haviam travado uma luta épica contra o establishment universitário. Tudo falso, evidentemente. Lucien Febvre era tão respeitado que chegou a ser o responsável por dirigir a *Encyclopédie Française* na década de 30<sup>5</sup>. O historiador Jacques Revel nos lembra duas lendas que acompanham os Annales<sup>6</sup>: uma lenda negra e uma lenda dourada. A lenda negra diz respeito ao mito da “luta épica” contra o establishment e a lenda dourada põe na conta de Marc Bloch e Lucien Febvre a coroa de louros do sucesso da empreitada. Essa é a construção do “mito da história dos Annales”. Embora seja verdadeira em essência, tal tese acaba por anular a perspectiva correta que se fundamenta na ideia de que é pela atuação dos indivíduos – e grupos – que a transformação do social é possível.

Uma outra história é aquela que procura avaliar se a Nova História rompe ou não com a Escola dos Annales. Peter Burke é o maior defensor dessa continuidade. Andre Burguière já em 1979 não acreditava numa ideia de continuidade entre os Annales e a Nouvelle Histoire: “Il serait aisément de montrer les ruptures et les mutations qui ont marqué l’histoire des Annales et qui ruinent singulièrement cette idée de continuité”<sup>7</sup>. E essa será também a opinião de um outsider ao movimento dos Annales na França, o historiador François Dosse, que enxerga a Terceira Geração dos Annales – a Nouvelle Histoire – como uma “história em migalhas”. Os anos dourados da História haviam acabado e agora restavam aos historiadores os tempos perdidos. A “História Total” se transforma numa “história de tudo” para Dosse e o movimento começava a perder o seu sabor característico. “De tanto querer conservar o poder e comandar todas as ciências sociais, os membros dos Annales acabam por matar a história! O que diriam disso os pais espirituais?”<sup>8</sup>.

Ruptura ou não, mitificação ou não, eis o que podemos estabelecer dessas premissas originais: esses três homens – Bloch, Febvre e Braudel – influenciaram intensamente a historiografia na França. Ninguém nega isso. As dúvidas começam a

---

<sup>5</sup> DELACROIX, C; DOSSE, F; GARCIA, P. *As correntes históricas na França: séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 153

<sup>6</sup> REVEL, Jacques. *Histoire et sciences sociales: les paradigmes des Annales*. Annales. Économies, Sociétés, Civilisations. Paris, N. 6, 34 Année, 1979, p. 1361. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/ahess\\_0395-2649\\_1979\\_num\\_34\\_6\\_294131](https://www.persee.fr/doc/ahess_0395-2649_1979_num_34_6_294131). Acesso em: 30/11/2021.

<sup>7</sup> BURGUIÈRE, André. *Histoire d’une histoire: la naissance des Annales*. Annales. Économies, Sociétés, Civilisations. Paris, N. 6, 34 Année, 1979, p. 1347. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/ahess\\_0395-2649\\_1979\\_num\\_34\\_6\\_294130](https://www.persee.fr/doc/ahess_0395-2649_1979_num_34_6_294130). Acesso em: 30/11/2021.

<sup>8</sup> DOSSE, François. *A História em migalhas*. São Paulo: Editora Ensaio, 1994, p. 98

surgir quando os intelectuais começam a discutir e divergir a respeito dessa influência. De um lado aparecem uns intérpretes ávidos por reduzir a escala de influência a nível individual – e há diversas razões para isso. Do outro há aqueles que desejam atacar as diferentes gerações, acusando as últimas de serem heréticas em relação ao programa original de Bloch e Febvre. Cada lado traz sólidos argumentos e o debate permanece ativo até os dias atuais.

Os interesses imediatos da presente monografia são mais modestos. O que realmente nos chama a atenção são os indivíduos. Especialmente a capacidade que possuem para influenciar, incentivar e frutificar ideias por meio de palavras, sugestões, gestos e atitudes. Por isso, quando lemos o texto de abertura da primeira edição da revista *Annales d'Histoire Économique et Sociale* de 15 de janeiro de 1929 temos a compreensão de estarmos diante de um documento histórico que fora lido por inúmeros historiadores pertences as diversas gerações da Escola dos Annales. Mas poucos dentro do movimento de fato leram tal texto como um documento histórico – a maior parte resignou-se a tratá-lo como manifesto de uma nova época:

[...] Mais e mais homens consagram por vezes não sem ardor sua atividade ao estudo das sociedades e das economias [...] Mas os muros são tão altos, que muitas vezes impedem a visão. Quantas sugestões preciosas, porém, sobre o método e sobre a interpretação dos fatos, quantos ganhos de cultura, quantos progressos na intuição surgiram, entre esses vários grupos, de trocas *intelectuais mais frequentes!* [...] É contra esses *cismas* que nos manifestamos. Não com artigos de método, dissertações teóricas. *Pelo exemplo e pelo fato.*<sup>9</sup>

Em 1929 já era destacado a importância da interdisciplinaridade na expressão “trocas intelectuais”. Mas também há uma parte ambígua: “Não com artigos de método [...] Pelo exemplo e pelo fato”. O “exemplo” aparece como a expressão de uma identidade sedutora que evitaria realizar guias introdutórios e prefere a força do modelo próprio de historiografia por meio de obras de História “de fato”. Mas é ambíguo para um leitor de segunda mão, para o leitor que assistiu perplexo à destruição da civilização na Segunda Guerra e que ouviu a história da morte de Marc Bloch. Preso e torturado por fazer parte da Resistência, o historiador Marc Bloch decidiu entregar ao público francês um presente às futuras gerações: dois livros póstumos, análises a respeito da derrota francesa e do ofício do historiador. A palavra

---

<sup>9</sup> BLOCH, Marc; FEBVRE, Lucien. **A nos lecteurs.** *Annales d'histoire économique et sociale*. Estrasburgo. N 1. p. 1-2. Janeiro. 1929. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/ahess\\_0003-441x\\_1929\\_num\\_1\\_1\\_1031](https://www.persee.fr/doc/ahess_0003-441x_1929_num_1_1_1031). Acesso em: 30 de outubro de 2021. [nossa tradução]

exemplo<sup>10</sup> adquire um significado novo à medida que o tempo passa e perde o seu contato original com o escritor e a sua intenção ao escrevê-la. Adquire um novo sentido aos olhos daqueles homens que viam no gesto de Marc Bloch de permanecer na França ao invés de fugir para os EUA, um exemplo. Que viam o combate épico de resistir contra o invasor inimigo como um exemplo. Que viam a força esperançosa de escrever um livro em pleno campo de concentração nazista, um exemplo. Aos olhos desses novos homens, homens dos Annales, herdeiros históricos do movimento iniciado por Bloch e Febvre, a palavra exemplo transmuta-se numa outra coisa.

Acreditamos que seja importante entender os Annales a partir do círculo hermenêutico do filósofo francês Paul Ricoeur (1913-2005). O círculo hermenêutico de Ricoeur lembra aos pesquisadores que além do mundo social e do espaço de construção narrativa, há um terceiro elemento em jogo: o leitor<sup>11</sup>. Não basta saber o mundo em que Marc Bloch vivia e já não basta saber o universo do texto escrito de Marc Bloch. Hoje é necessário admitir a presença do leitor, intérprete que está sempre na mente de um autor. Mas sobretudo é preciso admitir o leitor como sujeito, intérprete que analisa, investiga e toma para si valores e ideias. E os melhores leitores dos pais fundadores dos Annales são os próprios representantes posteriores dos Annales, historiadores da envergadura de um Jacques Le Goff, André Burguière, Jacques Revel, mas também nomes como Pierre Chaunu, François Furet etc.

Ao estudar a filosofia de Nietzsche percebo que mais importante que o próprio filósofo alemão são os usos que foram dados as suas palavras. Sob certa medida é também dessa forma que devemos proceder com a chamada Escola dos Annales. Eis o nosso interesse nessa monografia: recorrer aos escritos mais significativos dos pais fundadores dos Annales, analisá-los como fontes documentais importantes, mas especialmente como fontes que serviram de inspiração para outros historiadores pertencentes ao próprio movimento dos Annales. Durante toda a nossa pesquisa decidimos analisar certos livros como: “A Estranha Derrota” ou “Combates pela História”, apenas para citar dois exemplos, sempre tendo outros historiadores dos Annales como leitores potenciais que funcionavam como filtro de interpretação daquelas palavras. Quando líamos os escritos de Marc Bloch, Lucien Febvre ou

---

<sup>10</sup> O original em francês: “Par l'exemple et par le fait”.

<sup>11</sup> BARROS, J.D'A. **Teoria da História – Vol IV: Acordes Historiográficos**. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 236-240

Fernand Braudel, líamos com os olhos daqueles “annalistas” que chefiram a Escola dos Annales a partir da década de 70.

Eis a razão de ser da presente monografia: investigar as razões que permitiram ao movimento intelectual conhecido como Escola dos Annales – ou Nova História – ter se tornado hegemônico e duradouro na historiografia francesa. Esse é o principal problema que permeará as nossas futuras discussões. Ele em si é relevante por dialogar com a história dos intelectuais e com a própria historiografia. Entendemos que a dimensão da história dos intelectuais quando bem avaliada permite uma maior compreensão dos próprios acontecimentos históricos<sup>12</sup>. A nossa presente monografia terá fracassado se não conseguirmos atingir ao menos este objetivo: demonstrar a relevância da história dos intelectuais e da história intelectual por meio da Escola dos Annales para a compreensão do nosso próprio tempo.

O nosso quadro teórico tem como base dois pensadores: o filósofo Paul Ricoeur (1913-2005) e o antropólogo René Girard (1923-2015). No primeiro capítulo intitulado *A construção do movimento dos Annales* seguiremos o círculo hermenêutico de Ricoeur. Nesse capítulo o leitor encontrará uma narrativa histórica que procurará responder ao problema principal da presente monografia: as razões que permitiram aos Annales dominarem a intelectualidade francesa no pós-guerra. E a nossa hipótese é muito simples: os pais fundadores do movimento dos Annales foram vistos como autoridades intelectuais pelos jovens historiadores que passaram a fazer parte do movimento nos anos seguintes à morte de Marc Bloch e Lucien Febvre. Autoridades intelectuais que desejavam “salvar a História”. Esse desejo de “salvar a História”, isto é, garantir-lhe legitimidade como disciplina acadêmica, passará a ser também o desejo dos demais historiadores pertencentes aos Annales. A razão de ser disso será respondida no segundo capítulo intitulado *A vitória e o domínio dos Annales*. Nesse capítulo discutiremos o principal estado da questão a respeito do movimento dos Annales na atualidade, especificamente a respeito das supostas razões explicativas para o seu domínio na França: as teses de François Dosse e José Carlos Reis que, embora sejam divergentes em certos pontos, coincidem em avaliar a Escola dos Annales como um movimento “neoconservador” ou “adaptado ao poder”. Ao contrário dessas duas hipóteses muito famosas, utilizaremos o conceito de Girard sobre desejo imitativo. Os historiadores dos Annales (homens como François Furet, Michel Vovelle,

---

<sup>12</sup> REMOND, René. **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 235

Jacques Le Goff, Pierre Chaunu, Pierre Nora etc) pertencem a um movimento que está adaptado sim ao poder, mas não ao poder econômico ou político, mas sim intelectual. O que move a história intelectual – para além do político e do social – é o desejo mimético<sup>13</sup>: no caso dos Annales isso significa que o desejo de imitar a vontade de Marc Bloch, Lucien Febvre e Fernand Braudel de “salvar a História” é a verdadeira natureza do movimento, é a sua essência, é o seu verdadeiro “espírito”.

O “espírito dos Annales” é um tema de debates sem fim. Procuramos delineá-lo a partir do nosso problema: o “espírito” dos Annales é, por definição, a razão de ser da vitória e do domínio dos Annales na França. O “espírito dos Annales” é tudo aquilo que explicará a sua hegemonia e longa duração na historiografia francesa. Eis o espírito dos Annales: a vontade herdada de imitar o desejo de outro. E se o estruturalismo girardiano estiver correto, esse é também o poder invisível que atravessa os séculos.

Há um sentido na Escola dos Annales. Seus mestres deram as diretrizes básicas em seus contos épicos e poéticos – inclusive em suas próprias atuações na vida. Os ouvintes desses poemas absorveram a trama e realizaram uma série de transformações no mundo. Eis o que desejamos com a presente monografia: uma narrativa histórica com sujeitos, ações e acontecimentos. Uma abordagem hermenêutica e historicista e que ao mesmo tempo se vincula ao melhor do estruturalismo. Mas ainda sim uma História viva, que procura dar “sentido ao tempo”, tal como preconiza François Dosse inspirado em Paul Ricoeur<sup>14</sup>. Eis em resumo o primeiro capítulo. No segundo capítulo iremos discutir as duas principais teses que justificam a vitória e a hegemonia dos Annales na França ao mesmo tempo em que procuraremos sugerir uma nova hipótese inspirada nos conceitos desenvolvidos por René Girard.

---

<sup>13</sup> Com isso não estamos negando o poder como discurso, quase sempre associado ao econômico/político. Mas estamos ampliando o conceito para novas formas. Há a presença do poder quando o sujeito é submetido a uma autoridade. O poder somente está presente na história quando há alguém “disponível” a obedecê-lo. Essa obediência advém do caráter naturalmente imitativo do homem, estudado pelo antropólogo René Girard. Em síntese, o conceito de poder na presente monografia ultrapassará os limites usuais de uso no “discurso” e se associará por meio da tese de Girard ao caráter imitativo do ser humano.

<sup>14</sup> DOSSE, François. **A História**. Bauru: EDUSC, 2003, p. 150.

## 2. A CONSTRUÇÃO DO MOVIMENTO DOS ANNALES

O atual capítulo tem como objetivo conduzir o leitor numa narrativa histórica que procura dar centralidade à ação humana que se completa no ato de apropriação do sujeito que absorve a narrativa: “Pois a história do historiador é obra escrita ou ensinada, que, como toda obra escrita e ensinada, só tem seu termo no leitor, no aluno, no público”<sup>15</sup>.

A história alarga as possibilidades da descentralização do “eu”. Se não há um “sentido da história” propriamente dito há ao menos um sentido para a minha vida, para a minha consciência. O historiador realiza tal efeito ao conduzir a história por meio de uma narrativa cujo norte central é a figura humana que realiza ações no tempo:

Ricoeur demonstra que o discurso histórico pertence à classe das narrativas: por conta disso, ele se situa numa relação de proximidade particular com a ficção, e é-lhe impossível, ao contrário do que acreditaram por muito tempo os *Annales*, romper com a narrativa para construir um discurso puramente formal, nomológico. Se a história é narrativa, nem por isso ela é qualquer tipo de narrativa [...] Ele [Ricoeur] mantém a tensão interna à escrita histórica, que partilha com a ficção as mesmas figuras retóricas, mas que se pretende também e sobretudo um *discurso de verdade*, de representação de um real, de um passado referente.<sup>16</sup>

Para Ricoeur, a História é uma narrativa, mas não mera ficção e sim intenção de verdade. A nós nos interessa sua teoria sobre a leitura, vinculada ao seu projeto hermenêutico, síntese de suas abordagens sobre a narrativa histórica. O círculo hermenêutico de Paul Ricoeur tem três momentos: o viver, o criar e o receber. Naturalmente a vida segue o seu fluxo, mas alguém – o poeta-artista<sup>17</sup> – há de narrar certos momentos importantes, conservando-os numa ordem interna e numa moral da história. O ouvinte do poema absorve a trama, reconhece o conflito e percebe-se como pessoa inserida no tempo. Aprende alguma coisa prática e útil...age no mundo a partir disso. A narrativa garante inteligibilidade ao homem. Ela quebra a história baseada em “leis” que seguem o próprio rumo<sup>18</sup> e entrega de volta a voz aos próprios homens em suas redes de intencionalidades. É uma história descontínua e que abraça a contingência. Encarar a História como contingente será o nosso ponto de partida

<sup>15</sup> RICOEUR, Paul. **História e Verdade**. Rio de Janeiro: Editora Forense, 1968, p. 35

<sup>16</sup> DOSSE, François. **O Império do Sentido: a humanização das ciências humanas**. São Paulo: Editora Unesp, 2018, p. 209. [nossos grifos]

<sup>17</sup> Hoje, o historiador cientista.

<sup>18</sup> Os determinismos históricos e as filosofias da história.

básico para a interpretação dos acontecimentos históricos: “Atos humanos são contingentes e livres, não necessários”<sup>19</sup>.

Essa teoria da ação tem como fim a teoria da leitura: o círculo hermenêutico está englobado no projeto de uma história narrativa. Nesse sentido, podemos assegurar quais são as nossas intenções no presente capítulo.

Nessa primeira parte analisaremos os grandes livros e artigos escritos pelos três pais fundadores dos Annales: Marc Bloch, Lucien Febvre e Fernand Braudel. Desenvolvemos uma narrativa que procura dar sentido ao tempo, seguindo às sugestões de Ricoeur. Mas vai muito além disso. A nossa própria interpretação dos pais fundadores dos Annales está baseada no leitor como etapa final da construção da narrativa histórica. Não o “leitor ideal”, projetado na mente do escritor<sup>20</sup> em sua intenção de escrita, mas o leitor que se apropria e dá novos usos ao que foi escrito. É ao leitor real que nos referimos: o leitor que transforma o mundo. A “apropriação”, termo tão caro para Ricoeur, se encontrará no segundo capítulo ao desejo imitativo de René Girard.

Os leitores que se apropriaram dos escritos dos pais fundadores dos Annales foram os próprios historiadores que continuaram o movimento de renovação historiográfico na França. Eles se apropriaram e deram novos rumos àquelas sugestões iniciais a partir da capacidade de desejarem imitar os pais fundadores. Mas deixemos essas observações do desejo mimético para o segundo capítulo; por hora nos basta a observação do significado do capítulo que se segue.

Muito será dito a respeito da tentativa de “Salvar a História”. Pois é precisamente este o assunto principal do capítulo: o que os historiadores dos Annales se apropriarão dos pais fundadores é um desejo total de salvá-la, isto é, garantir-lhe legitimidade no tempo. A História precisava ser salva na visão dos principais leitores dos pais fundadores dos Annales, eis o eixo central das próximas páginas.

<sup>19</sup> BESSELAAR, J.V.D. **Introdução aos estudos históricos**. São Paulo: Editora Herder, 1972, p. 56

<sup>20</sup> E nesse caso é até um certo contrassenso falar em leitor ideal para livros que foram escritos em campos de concentração, como é o caso do *Apologia da História*.

## 2.1 A morte de Marc Bloch

Marc Bloch (1886-1944) foi um historiador francês de origem judaica. Em 1942 decidiu entrar para a Resistência e acabou preso em 1944. Nesse mesmo ano, em 16 de junho, foi fuzilado pelos inimigos da pátria. Suas últimas palavras: “Viva a França!”. Os últimos anos da vida de Marc Bloch representam bem a luta do homem individual contra um meio hostil. Preso e humilhado, ainda sim utilizou os seus últimos esforços para escrever um pequeno livro sobre História. Mesmo identificando a morte iminente, ainda via uma responsabilidade, um dever maior nas suas próprias atitudes. Era preciso “salvar” a História. Era preciso salvar a França. Eis o nascimento do livro *Apologia da História ou o ofício do historiador*, publicado apenas em 1949. Uma geração de historiadores cresceu ouvindo essa história, mas hoje é mais difícil compreender a dimensão real do acontecimento. Quer dizer, Marc Bloch não foi apenas um historiador talentoso e um patriota entusiasmado, mas sobretudo um homem que decidiu fazer história: não apenas escrevendo livros, mas participando ativamente da realidade. Foi um dos poucos intelectuais franceses que de fato participou da Resistência e um dos únicos a ter sofrido a máxima consequência por suas ações. Fernand Braudel lembra que o ano de 1945 marca uma profunda mudança na historiografia francesa: “In 1945, in effect, no more hostility; all the youth of the university turned toward the *Annales* kind of history, following Lucien Febvre, Ernest Labrousse and myself”<sup>21</sup>. O movimento iniciado por Marc Bloch em 1929 em parceria com outro historiador francês, Lucien Febvre, começava a gerar frutos cada vez mais promissores. O pós-guerra será o momento de maior desenvolvimento e intensidade da chamada Escola dos Annales, movimento de renovação na produção historiográfica, que já em 1946 adquire uma base institucional de funcionamento. A morte de Marc Bloch representou para uma geração de jovens historiadores franceses a oportunidade de repensar as próprias práticas e atitudes. E não podendo ter participado da luta épica contra a tirania, muitos optaram por eleger um representante símbolo dos novos tempos – um homem que de fato havia lutado e resistido ao inimigo.

Marc Bloch conquistou a França. E a conquistou com as suas palavras e atitudes. Após a sua morte, a maior parte dos historiadores franceses decidiram,

---

<sup>21</sup> BRAUDEL, Fernand. **Personal Testimony**. The Journal of Modern History, n. 4, vol 44, dez. Chicago: University of Chicago, 1972, p. 462

inspirados pela atitude do homem que agora enxergavam como mártir, ler novamente o que aquele homem havia escrito. E encontraram na própria década de 1940 novos livros a serem publicados: os testamentos de Marc Bloch: *Apologia da História* (1949) e *A Estranha Derrota* (1946). Livros póstumos, um eterno lembrete da permanência das nossas ações e da consciência da morte como o fim. E são esses dois livros que devem permitir o início de nossa investigação – a partir deles poderemos ter uma nova imagem e significado da vida e morte de Marc Bloch. Ou melhor: a partir deles poderemos ter a imagem e o significado que Marc Bloch passou para gerações de historiadores.

Comecemos pela *Estranha Derrota* (1946), livro escrito em 1940 com a derrota francesa na Segunda Guerra Mundial. Nesse livro, Marc Bloch se apresenta como historiador e judeu. Lutou duas guerras. Mas também se apresenta como homem sentimental: “A França...será sempre, aconteça o que acontecer, a pátria da qual não saberia arrancar meu coração”<sup>22</sup>. Patriota sentimental, diríamos. Mas também homem honesto e que valoriza as verdadeiras amizades e reconhece o feito das demais nações:

Tenho amigos queridos na Grã-Bretanha. Eles facilitaram meu acesso à sua civilização, que sempre me foi hospitaleira e pela qual sinto um interesse vivo e de longa data. Hoje, mais do que nunca, ao vê-los com seus compatriotas arriscando suas vidas e defendendo a causa pelo qual eu aceitaria enfrentar a morte, sinto-os mais próximos de meu coração<sup>23</sup>

Irrita-se ao perceber a imobilidade das forças armadas de seu próprio país, ninho de velharia: “Nosso comando era um comando de velhotes”<sup>24</sup>. E reclama na mesma página: “...onde poderíamos encontrar sangue jovem e fresco para lhe injetar mais força?” Marc Bloch, historiador já idoso na década de 1940, reclama da falta de juventude no exército francês. O frescor das novas ideias geralmente garantidas por jovens intrépidos era abafado por um sistema um tanto quanto lento e rígido que apagava o senso de novidade. Bloch faz essas recomendações como homem de cultura, professor universitário e capitão do exército. Mas homem idoso, convém lembrar. A regra, obviamente, não se aplicava a si. Ação e juventude na batalha e

<sup>22</sup> BLOCH, Marc. *A Estranha Derrota*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. Livro eletrônico, edição digital Le Livros. p. 10

<sup>23</sup> BLOCH, Marc. *A Estranha Derrota*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. Livro eletrônico, edição digital Le Livros. 42

<sup>24</sup> BLOCH, Marc. *A Estranha Derrota*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. Livro eletrônico, edição digital Le Livros. 68

experiência na bendita condução dos homens em tempos de paz (ou futura paz). A opinião dos mais jovens sobre as razões dessa estranha derrota obviamente não convinha, mesmo que ocasionalmente Marc Bloch cite um ou outro soldado que concordasse com as suas premissas originais descritas em seu testemunho pessoal. A condução do gênero humano pertencia a uma outra estirpe de homens, certamente mais experimentados. Mas nem por isso Bloch retorna à defesa do que é “velho” em função da novidade.

“O mundo pertence aos que amam o novo”<sup>25</sup>, diz Bloch em uma de suas passagens mais interessantes. Eis a frase que resume a sua crítica ao cheiro de mofo que exalava no ensino de história das academias militares francesas. Eis a frase que inspirará legiões de historiadores franceses.

Historiador sentimental. Reconhece a importância da amizade nos momentos decisivos. Mas historiador dedicado. Mesmo sentimental, recusa-se a relatar os momentos em que reencontra a família após a queda da França. Capitão do exército francês, Marc Bloch reconhece a variedade de personalidades dos seus companheiros de batalha. E lamenta não ter dito “certas palavras” a outro oficial superior amigo, mas reconhece que “certas coisas não se dizem: basta senti-las juntas”<sup>26</sup>.

O seu relato é o relato da derrota francesa e busca explicar as razões para o fracasso. A guerra começa em 1939 e o confronto épico entre liberdade e tirania tem início em território francês. “As bombas choviam pesadamente ao nosso redor, sobre a estação, as ruas principais, os campos de aviação”<sup>27</sup>. Era o inferno sobre a terra: a França estava sendo invadida e não parecia capaz de impedir o avanço inimigo. Bloch lamenta as imagens que constantemente via naqueles fatídicos dias que antecediam a derrota. A França invadida pelo exército alemão e os soldados franceses fugindo pelo mar! Bloch tem uma terrível lembrança sobre Dunquerque: “Guardo uma lembrança muito intensa da cidade em ruínas, com suas fachadas ocas sobre as quais flutuavam vagas fumarolas e, espalhados em suas ruas, menos cadáveres que

---

<sup>25</sup> BLOCH, Marc. **A Estranha Derrota**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. Livro eletrônico, edição digital Le Livros, p. 69

<sup>26</sup> BLOCH, Marc. **A Estranha Derrota**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. Livro eletrônico, edição digital Le Livros, p. 25

<sup>27</sup> BLOCH, Marc. **A Estranha Derrota**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. Livro eletrônico, edição digital Le Livros, p. 14

destroços humanos”<sup>28</sup>. Bloch chega em Dover, Inglaterra. Depois parte rumo a Cherbourg e depois Rennes. Fica desesperado ao notar que os soldados franceses pareciam não se importar mais com a presença do exército alemão – a pátria parecia rendida, tanto militarmente como moralmente. A única saída, percebe Bloch, era se disfarçar como professor e bom cidadão francês. Abandona as vestes de soldado e vira civil novamente: não há mais exército: a França fora tomada pelo inimigo.

Marc Bloch sintetiza a derrota francesa como uma derrota da inteligência de um país. Os generais franceses falharam. Embora patriotas, cometeram muitos erros na condução da guerra. Marc Bloch atribui a vitória do inimigo a uma competência de superioridade surpreendente: “Nossos chefes, ou os que agiam em seu nome, não souberam pensar a guerra. Em outros termos, o triunfo dos alemães foi essencialmente uma *vitória intelectual* e talvez esse seja o motivo mais grave”.<sup>29</sup>

O exército inimigo dominava com facilidade a nova estratégia de guerra. Com uma rapidez surpreendente conseguiram obter vitórias fáceis no campo de batalha. Aos franceses restava o eterno recuo e a constante surpresa com a agilidade na formação e no avanço do adversário. Os franceses pareciam perdidos, sem saber como lidar com a nova situação: estavam sendo invadidos por um inimigo que pertencia, supostamente, à categoria de bárbaro. Mas ainda sim esses supostos bárbaros pareciam triunfantes. Em tudo pareciam melhores: os tanques eram mais rápidos e os aviões mais eficientes. A França lutava contra inimigos invisíveis. “Em todo caso, soubemos alguma vez, durante toda a campanha, onde estava o inimigo?”<sup>30</sup>. O ar parecia contaminado e a dura realidade de ser continuadamente surpreendido provocava medos e deserções sem fim. O próprio espírito de luta e combate desfalecia: o inimigo estava em todo o lugar e rapidamente preenchia todos os espaços vagos. Era sufocante. A guerra de trincheiras abria espaço para uma nova modalidade um tanto quanto favorecida pela inépcia francesa: a guerra de surpresas. Os alemães apareciam sem cerimônias e sem convite em localidades as quais os franceses sequer podiam imaginar.

---

<sup>28</sup> BLOCH, Marc. **A Estranha Derrota**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. Livro eletrônico, edição digital Le Livros, p. 18

<sup>29</sup> BLOCH, Marc. **A Estranha Derrota**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. Livro eletrônico, edição digital Le Livros, p. 27 [nossos grifos]

<sup>30</sup> BLOCH, Marc. **A Estranha Derrota**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. Livro eletrônico, edição digital Le Livros, p. 31

Bloch lamenta a desordem e o caos que se seguiu em seu país logo no início da guerra. Lamenta a anglofobia francesa. Bloch culpa o estado de coisas deprimente ao “excesso de órgãos de informação e ao espírito de rivalidade”<sup>31</sup>. Culpa o marasmo, a monotonia, a rotina preguiçosa dos franceses. “Nunca vi espetáculo mais desmoralizante que certos desabamentos sobre as poltronas do 3 bureau”<sup>32</sup>. A França parecia uma lembrança de nação. Um vestígio da antiga gloriosa pátria. Homens velhos liderando um novo modelo de guerra. Homens idosos incapazes de garantir que a própria voz fosse ouvida.

Bloch assegura que o exército francês parecia ter um excesso de caciques mandões. Homens que perdiam o respeito da tropa por atitudes cada vez mais duvidosas e por discursos lamentáveis. Homens que criticavam – e puniam, se necessário – se vissem um soldado com um botão faltando na camisa. Bloch, o homem sentimental, o historiador dedicado e pai de seis filhos, lamenta que ao pedido realizado pela tropa de trazer as esposas a certa cidade um general tenha negado e alegado “frouxidão” e que os soldados decidissem ir pelo caminho fácil do “bordel”<sup>33</sup>.

Faltava-lhes o grito de guerra, o ímpeto de vitória. Faltava o desejo pelo novo: a força da juventude, a ausência de preconceitos para com o estrangeiro – no caso, os aliados britânicos. Bloch lamenta a inexistência de camaradagem entre franceses e ingleses no início da guerra: “Precisaríamos do chá das cinco, do uísque com soda, da atmosfera do clube que se prolonga, diante da mesa de trabalho, numa cooperação amigável”<sup>34</sup>. Faltava-lhes cooperação: a palavra-chave para a vitória. Palavra esta já reconhecida por Marc Bloch em 1929, ano de fundação da Revista dos Annales, a qual discutiremos daqui a pouco.

Marc Bloch possui o temperamento de um colérico nessas páginas e mantém uma grande esperança pela juventude francesa. Entusiasma-se ao verificar que o soldado francês comum estava disposto ao combate, mesmo em situações complicadas frente ao avanço do inimigo alemão. “Recebi nessa época alguns apertos de mão que aqueceram meu coração. Na verdade, a lembrança desse dia sempre vai

---

<sup>31</sup> BLOCH, Marc. **A Estranha Derrota**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. Livro eletrônico, edição digital Le Livros. p. 49

<sup>32</sup> BLOCH, Marc. **A Estranha Derrota**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. Livro eletrônico, edição digital Le Livros. p. 61

<sup>33</sup> BLOCH, Marc. **A Estranha Derrota**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. Livro eletrônico, edição digital Le Livros. p. 53

<sup>34</sup> BLOCH, Marc. **A Estranha Derrota**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. Livro eletrônico, edição digital Le Livros. p. 47

me impedir, se algum dia tentasse, de perder as esperanças no povo francês”<sup>35</sup>. É esse o sentimento que inspira os seus leitores na década de 1940 em diante. A esperança pela juventude e a atitude épica de combate frente ao inimigo:

[...] o tempo todo esbarrava com oficiais alemães, dividido, a cada vez, entre a pungente tristeza de ver meu país entregue a invasores, a surpresa de uma coabitação pacífica com homens que, até alguns meses antes, só abordaria de revólver em punho, e, enfim, o malicioso prazer de passar a perna naqueles senhores sem que eles sequer desconfiassem.<sup>36</sup>

A França havia perdido a guerra. Eis um acontecimento que não poderia ser desfeito: estaria para sempre marcada na consciência do povo francês. Posteriormente, Marc Bloch participa da resistência e termina preso em 1944 e escreve o livro *Apologia da História* num campo de concentração. A maior preocupação de Marc Bloch nesse livro diz respeito à “legitimidade” da disciplina histórica. Mas também parece preocupado com a capacidade dessa ciência de promover a melhora do ser humano: “Não se pode negar, no entanto, que uma ciência nos parecerá sempre ter algo de incompleto se não nos ajudar, cedo ou tarde, a viver melhor”<sup>37</sup>. É a respeito da guerra que Marc Bloch está pensando ao escrever essas palavras. A guerra foi a maior vergonha da história francesa recente, mas a França está “destinada” a reverter essa situação. Há razões profundas que permitiram aos franceses vencerem o Império nazista.

Bloch repete continuadamente que o cristianismo é uma religião histórica em seu *Apologia da História*. Histórica, pois crê que um homem específico ressuscitou numa época histórica determinada. Jesus Cristo é Deus para o cristianismo. E conclui que tal “ídolo das origens” tem um fator dominante nas religiões, dando-lhes “critérios para o próprio valor”<sup>38</sup>. Ironicamente, demonstra que a direita, usualmente associada aos valores em defesa da tradição monarquista e católica na França, beirava a uma negação latente da fé. Cita Maurice Barrès e Charles Maurras. “Basta-me a atmosfera das Igrejas” teria dito Barrès, reclamando dos altos estudos exegéticos e “Que me importam evangelhos de quatro judeus obscuros?” teria dito Charles Maurras, ambos citados de memória nessa mesma página 57. Esses autores representam um novo

<sup>35</sup> BLOCH, Marc. **A Estranha Derrota**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. Livro eletrônico, edição digital Le Livros. p. 53

<sup>36</sup> BLOCH, Marc. **A Estranha Derrota**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. Livro eletrônico, edição digital Le Livros, p. 20

<sup>37</sup> BLOCH, Marc. **Apologia da História**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001, p. 45

<sup>38</sup> BLOCH, Marc. **Apologia da História**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001, p. 57

clima reacionário na França, de devoção apenas às aparências gerais da religião, ou seja, certo reconhecimento nos símbolos exteriores da crença cristã. A beleza das catedrais e a comunidade em comunhão na fé deviam bastar, pois o que realmente devia importar eram questões políticas mais imediatas. São ambos panfletários da ação política, da tomada violenta das instituições e da concentração do poder na mão do Estado. A partir disso, entende-se o desprezo pelas tradições milenares do cristianismo. E é apenas nesse sentido que se consegue entender a menção à fé cristã e estes dois autores franceses nesse trecho do livro de Marc Bloch. Mesmo derrotada, a França se ergueria (Bloch demonstra esse entusiasmo e confiança no fim da Estranha Derrota). Há elementos civilizatórios mais profundamente plantados na civilização que hão de vencer a peremptória armadilha nazista. Há nas origens da França algo que supera o sonho do autoritarismo imediato dos Estados no século XX.

Esse algo é o amor pela História. Marc Bloch demonstra que a Civilização Ocidental herda dos gregos e dos romanos o gosto e o tino pela História, mas que isso pode mudar num eventual futuro. E está correto ao perceber que tal rompimento seria a maior ruptura da “tradição intelectual” do Ocidente<sup>39</sup>. Em outras palavras, desse mal que se erguia no século XX, o Leviatã destruidor e consumir de vidas humanas – o Estado Totalitário -- Marc Bloch oferecia aos seus contemporâneos um salutar remédio: a História. Era preciso salvar a “história”: e nos dois sentidos. Eis a grande mensagem, transfigurada em suas próprias ações – como capitão do exército e integrante da resistência, preso, torturado e fuzilado – que Marc Bloch legará postumamente para a França da Restauração. Marc Bloch: o homem que tentou salvar a História. Após o grande gesto de Marc Bloch, que de fato lutou na Segunda Guerra e que foi um dos únicos intelectuais a morrer como membro da Resistência, a intelligentsia francesa percebeu a força simbólica do homem – coincidentemente judeu – martirizado. E sabiam que após tamanho gesto era impossível pensar a historiografia diferente da forma a qual foi reimaginada e reinterpretada por Marc Bloch.

Manter o amor pela história é permiti-la continuar presente na civilização. É torná-la uma ciência que permite ao homem “viver melhor”. É salvar a história: tanto a disciplina como o fluir dos acontecimentos. Eis a grande lição aprendida pelos leitores de Marc Bloch, pupilos e herdeiros da Escola dos Annales. Aprenderam com o mestre

---

<sup>39</sup> BLOCH, Marc. **Apologia da História**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001, p. 42

que o “mundo pertence aos que amam o novo”. E essas são quase as mesmas palavras utilizadas anos depois por Jacques Le Goff (1924-2014), historiador francês pertencente a Escola dos Annales:

Por que em nosso mundo, onde muda a memória coletiva, onde o homem [...] diante da aceleração da história, quer escapar da angústia de tornar-se órfão do passado, sem raízes, onde os homens buscam apaixonadamente sua liberdade [...] onde o homem apavorado procura dominar uma história que parece lhe escapar, quem melhor do que a história nova pode lhe proporcionar informações e respostas?<sup>40</sup>

Marc Bloch parece, às vezes, valorizar mais a História que a própria vida. Não a vida que o cosmos lhe deu, embora esta também como veremos adiante, mas a vida como substância de pertencimento ao mundo que é de usufruto de todos. A História é tão importante para Marc Bloch que as consequências para se obter um documento em si não mais tão relevantes. “Se a comunidade dos monges dionisianos tivessem sobrevivido à Revolução, seria certo que nos permitiriam vasculhar em seus cofres?”<sup>41</sup>. A tranquilidade dos tempos é menos emancipadora para a historiografia do que o senso comum parece avaliar. “São as revoluções que forçam as portas dos armários de ferro e obrigam os ministros à fuga, antes que tenham achado tempo para queimar suas notas secretas” e conclui: “Um bom cataclisma resolveria melhor o nosso caso”<sup>42</sup>. Para salvar a historiografia e garantir as suas respostas, é preciso saber suportar tais dores no parto. Os danos acumulados no meio do caminho são insignificantes mediante o conhecimento que há de ser acumulado: é nesse sentido que a destruição se torna elemento de crescimento e fortalecimento. A negação passa a ser o novo idioma comum para Marc Bloch: negação de que a História sobreviva sem ser por meio da doação voluntária à vida<sup>43</sup>.

Doação fornecida pela própria trajetória de Marc Bloch. A luta contra o meio hostil é a trajetória natural desse historiador sentimental. E a convocação à juventude a sua maior característica. O “futuro será jovem”, poderia ser slogan de Marc Bloch. O historiador francês conta com a juventude para renovar a intelectualidade do país<sup>44</sup>. E será visto como uma espécie de mentor intelectual para uma geração inteira que

<sup>40</sup> LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990, p. 51

<sup>41</sup> BLOCH, Marc. **Apologia da História**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 85.

<sup>42</sup> BLOCH, Marc. **Apologia da História**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 85

<sup>43</sup> Logo em seguida Marc Bloch confessa que há uma outra saída. Seria melhor se as sociedades organizassem racionalmente o próprio conhecimento e dá como exemplo o “fim do sigilo”.

<sup>44</sup> BLOCH, Marc. **A Estranha Derrota**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. Livro eletrônico, edição digital Le Livros, p. 41

assistiu aos horrores da guerra de forma atônica ou que simplesmente ouvia dos mais velhos os contos da guerra. Uma geração jovem que viu em Bloch o espelho do guerreiro a qual todos almejavam ser: não apenas um historiador, mas um homem que fez história. Após o sacrifício de Marc Bloch, toda atividade intelectual que estivesse desprovida de propósito naqueles mesmos termos de combate por valores maiores que os da própria vida pareceriam insuficientes.

Os historiadores atenderam ao chamado da Escola dos Annales no pós-guerra. Queriam salvar a França. As críticas à intelectualidade francesa promovidas por Marc Bloch não passaram despercebidas. Em a *Estranha Derrota* (1946) Marc Bloch vê todos os adultos como iguais numa situação de guerra. As mulheres também deveriam lutar no campo de batalha. Bloch, o homem sentimental, abandona as pretensões do sentimentalismo e clama de forma colérica: “Ninguém tem o direito de acreditar que sua vida é mais útil que a dos vizinhos”<sup>45</sup>. A França estava sendo derrotada pois lhe faltava sabedoria. Ao encontrar certos sindicalistas e participar de assembleias às vésperas da guerra, Bloch anota: “Aqueles intelectuais não tratavam sequer das pequenas questões, que dirá das grandes”<sup>46</sup>. O clima era de rivalidades pessoais, falta de visão e espírito de benefício ou ganho imediato. Era uma crise de inteligência que atingia a França. Lia-se pouco e de má vontade, mesmo entre as pessoas que supostamente deveriam ter algum tipo de conhecimento, como os oficiais do exército. Os jornais pareciam uns vendidos e até a rádio falava em línguas estranhas, línguas estrangeiras: “Através do microfone, a voz que fala nossa língua vem de lá [da Alemanha]”<sup>47</sup>.

A derrota da França é a derrota da civilização que virou pacata. É a derrota da “cidade de interior” com:

Seus dias de ritmo tão moroso, a lentidão de seus ônibus, suas administrações sonolentas, as perdas de tempo que uma negligência indolente só faz multiplicar, a ociosidade de seus cafés de caserna, suas politicagens de visão curta, seu artesanato de baixo lucro, suas bibliotecas de prateleiras viúvas de livros, seu gosto pelo conhecido e sua desconfiança contra qualquer surpresa que possa perturbar os hábitos confortáveis – eis o que sucumbiu diante do ritmo infernal que o famoso “dinamismo” de uma Alemanha de colmeias vibrantes dirigiu contra nós.<sup>48</sup>

<sup>45</sup> BLOCH, Marc. **A Estranha Derrota**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. Livro eletrônico, edição digital Le Livros, p. 76

<sup>46</sup> BLOCH, Marc. **A Estranha Derrota**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. Livro eletrônico, edição digital Le Livros, p. 79

<sup>47</sup> BLOCH, Marc. **A Estranha Derrota**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. Livro eletrônico, edição digital Le Livros, p. 83

<sup>48</sup> BLOCH, Marc. **A Estranha Derrota**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. Livro eletrônico, edição digital Le Livros, p. 83-84

É um pedido de socorro: salvem a França! Modernizem a França! Marc Bloch deseja com grande ardor que a pátria reconheça as próprias molezas frente ao mundo moderno. Não era possível permanecer na ignorância que tudo cega e que tudo sucumbe. Fazia-se urgente uma atualização do vigor do espírito da nação. Um novo agir, uma nova inteligência. Depois do desastre seria preciso reaprender de novo. Era necessário um novo ensino de História: “Historiador, estaria propenso a ser particularmente severo em relação ao ensino de história”<sup>49</sup>.

Os jovens historiadores da França no pós-guerra não deixariam de se emocionar ao lerem estas palavras de Marc Bloch: “Pois não há salvação sem uma parte de sacrifício, nem liberdade nacional que possa ser plena se não trabalharmos para conquistá-la nós mesmos”<sup>50</sup>. Especialmente na percepção de que estas não eram palavras quaisquer: eram verbos pronunciados no calor da humilhante derrota francesa em 1940. E certamente não foram palavras ao vento. Até 1944 Marc Bloch se empenharia na luta pela Resistência cujo fim resultaria em seu fuzilamento num campo de concentração nazista. Eram palavras que foram cumpridas à risca pelo historiador francês.

Marc Bloch ensinou a várias gerações a importância de certos valores vistos como até mais importantes do que a própria vida. E isso é a vitória sobre a morte: é a permanência no tempo. Esse modo de ver as coisas dá mais importância aos gestos e atitudes de Marc Bloch – e os seus últimos livros póstumos – como fundamentais para entendermos a continuidade histórica da chamada Escola dos Annales. Nesse sentido, a Escola dos Annales surge como um movimento que possui uma essência própria. E essa essência pode ser definida como uma espécie de posicionamento diante do mundo e da história<sup>51</sup>.

*Apologia da História* não tem um fim. Suas últimas palavras: “são buscadas”. A vida de Marc Bloch foi arrancada antes que ele pudesse terminar o livro. E a nós foi dada a oportunidade de testemunhar esse pequeno grande livro incompleto. Assim como Bloch, também estamos nessa busca eterna pelo sentido. E eis a sensação de

<sup>49</sup> BLOCH, Marc. **A Estranha Derrota**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. Livro eletrônico, edição digital Le Livros, p. 86

<sup>50</sup> BLOCH, Marc. **A Estranha Derrota**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. Livro eletrônico, edição digital Le Livros, p. 96

<sup>51</sup> Isso explica o porquê da inexistência de contradição no fato da chamada “história total” ter se transformado numa “história de tudo” da Nouvelle Histoire, tal como é afirmado por François Dosse em *A História em migalhas* (1987).

ler um livro como esse e terminá-lo de forma tão chocante e abrupta: adquirimos a consciência da morte como o fim. Não há volta ou retorno. O livro está condenado a permanecer eternamente incompleto. Todas as ações, gestos e atitudes de Marc Bloch foram interrompidos num fatídico dia de 1944. E nessas circunstâncias é fácil esquecermos que os nossos gestos, ações e atitudes passados não são simplesmente esquecidos. Eles não podem ser simplesmente apagados. E Marc Bloch tinha um pouco de consciência disso: mesmo preso, decide escrever um livro pensando a prática do historiador. Realiza tal feito a partir de uma força esperançosa do próprio âmago interior que talvez jamais compreendamos por inteiro. Marc Bloch é o homem que permanece. O seu livro, mesmo incompleto, permanece. Pois naquele terrível momento em que a vida parecia não mais importar, Marc Bloch permanece resignado a escrever um livro de História. Ali não há mais Marc Bloch pai de seis filhos, historiador renomado e capitão do exército francês. Não há mais papéis sociais a desempenhar. Preso e humilhado pelo inimigo da França, Marc Bloch não aceita ser o que é naquela circunstância. Ele almeja algo mais. Romper as cadeias da derrota e interromper o apocalipse: a salvação do homem por meio da palavra. Ele escreve para ninguém: Marc Bloch faz as coisas para que a história veja. Esse é o seu fim. Essa é a morte de Marc Bloch.

## 2.2 A luta de Lucien Febvre

O historiador francês Lucien Febvre (1878-1956) foi amigo e parceiro de Marc Bloch nessa primeira metade do século XX. Também foi um apóstolo da mensagem de Marc Bloch na França. Àquelas palavras do companheiro que ousava sugerir que os historiadores tivessem uma profunda compreensão de que o conhecimento do tempo presente fosse, talvez, tão ou mais importante para a compreensão do passado<sup>52</sup>, Febvre segue-o em espírito com a percepção de que é preciso saber viver:

E, por que tenho a felicidade de saber nesta sala jovens decididos a consagrar a vida a investigação histórica, é com firmeza que lhes digo: para fazer história, virem resolutamente as costas para o passado e antes de mais vivam. Envolvam-se na vida.<sup>53</sup>

---

<sup>52</sup> BLOCH, Marc. **Apologia da História**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001, p. 66

<sup>53</sup> FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Lisboa: Editorial Presença, 1989, p. 40

A recomendação final aos seus alunos da École Normale Supérieure tem um certo tom dramático de historiador arrependido. É o Lucien Febvre de 1941 implorando aos seus novos alunos a responsabilidade, inclusive na vida prática, de participar desse grande palco de acontecimentos humanos que é a vida. É também a nota de arrependimento do homem experimentado que diz aos outros – os mais jovens -- para que não cometam o erro que este havia cometido. É o primeiro sintoma do resultado da Ocupação. Mas não a última forma de combater pela História. Pois a “luta” na vida de Lucien Febvre irá adquirir uma dupla conotação: a luta contra os inimigos, reais ou imaginários, e a luta silenciosa e sutil com a própria consciência.

Lucien Febvre teve uma grande missão em vida: levar a boa-nova dos Annales aos antigos pagãos, aos historiadores que “Fazem história como velhas avós fazem tapeçaria”<sup>54</sup>. Ora, se vez ou outra sugerimos um certo tom colérico em Marc Bloch não o fizemos despropositadamente – a situação caótica em que viveu entre 1940-1944 explicava esses novos traços na personalidade. Mas no caso de Lucien Febvre o temperamento colérico é um traço permanente e facilmente identificável. Mesmo em tempos de paz, Febvre vive como se estivesse em uma guerra sem fim. Em todos os lugares enxerga os historiadores “historicizantes”, intérpretes malditos que enganam as pessoas com as suas histórias decepcionantes em conteúdo.

Ao mesmo tempo, designa sob o epíteto de “historicizante” toda a velha historiografia a qual amava odiar. Há uma grande chance de que o filósofo francês Henri Berr (1863-1954) tenha sido o primeiro a usar a expressão “história historicizante” para se referir a certo setor antiquado da historiografia de seu tempo. Marc Bloch e Lucien Febvre aprenderam a partir daí a importância de estigmatizar o adversário a partir de uma expressão fácil e ao mesmo tempo forte o suficiente para sufocar as pretensões de respeitabilidade acadêmica dos signatários de uma visão historiográfica distinta. Mas a sua ânsia em demolir as bases as quais estavam assentadas a historiografia tradicional são tão exageradas que Febvre passa a enxergar um domínio dos “historicizantes” mesmo numa época em que estes já não existiam mais. É apenas dessa forma que entendemos as críticas ao historiador Louis Halphen (1880-1950), suposto signatário dos historicizantes. Lucien Febvre ataca incessantemente e não retrocede jamais em suas críticas:

---

<sup>54</sup> FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Lisboa: Editorial Presença, 1989, p. 48

Há um índice de nomes de autores no livro de Halphen [...] não é significativo de que não figurem lá nem Camille Julian, nem Henri Pirenne, nem *Marc Bloch*, nem Georges Lefebvre, nem, no conjunto nenhum daqueles que são para nós os historiadores, os verdadeiros *historiadores desse tempo*?<sup>55</sup>

Lucien Febvre condena Louis Halphen por sua filiação. Halphen supostamente não era apenas um partidário da história historicizante, mas também um tipo errado de historiador: o historiador descrente nos altos ideais de renovação historiográfica.

Febvre realiza o mesmo trabalho do negativo contra um adversário costumeiro seu, o historiador francês Charles Seignobos (1854-1942). Ao folhear uma trilogia sobre a História da Rússia, que possui a participação de Seignobos como diretor do projeto, Febvre não limita as críticas: “Uma história de 1416 páginas, em três volumes; 200 páginas para dez século (VII-VXII) contra 1140 para dois séculos e meio (1682-1932)”<sup>56</sup>. Eis o pecado mortal de Seignobos e de sua equipe, ao menos na visão de Febvre: dedicar maior importância aos acontecimentos recentes (ou quase recentes) ao invés de distribuir de maneira mais equilibrada os séculos históricos. E a crítica de Lucien Febvre segue adiante:

E o pior é que Ch. Seignobos justifica! [...] empenha-se em defender a sua causa [...] explica ele categoricamente, porque não há nada a dizer, em primeiro lugar pela falta de documentos e em segundo lugar pela falta de acontecimentos.<sup>57</sup>

O erro de Seignobos consistia, precisamente, em não ser um historiador como Lucien Febvre! Diga-se, aliás, que o argumento de Seignobos não está inteiramente errado: de um ponto de vista prático, há de fato mais documentos históricos sobre os períodos mais recentes que os mais antigos. Além disso, hoje, parece pouco sensato censurar um historiador pela condução de sua narrativa historiográfica – ora, se há mais páginas sobre o período recente consiste precisamente pela própria natureza de como a história está sendo contada. Nesse sentido compreendemos a crítica mortal de Lucien Febvre: não é de fato o número de páginas que o provoca, mas sim a resposta de Seignobos. Pois o “falta de documentos” e “falta de acontecimentos” consiste precisamente numa oposição mortal ao novo tipo de historiografia sugerida pelos Annales e por outros movimentos de renovação historiográfica. Mesmo com a ausência de um número muito grande de documentos ainda sim é possível trazer novas possibilidades de investigação e de pesquisa. Mas o relevante nesse embate

<sup>55</sup> FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Lisboa: Editorial Presença, 1989, p. 120 [nossos grifos]

<sup>56</sup> FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Lisboa: Editorial Presença, 1989 p. 75-76

<sup>57</sup> FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Lisboa: Editorial Presença, 1989 p. 76

entre Febvre e Seignobos é percebemos a grande estratégia traçada pelo historiador dos Annales: Febvre se posiciona como uma autoridade intelectual, como alguém responsável por julgar e condenar a historiografia de seu tempo. Ao fazer isso, torna-se sedutor, atrai a juventude pelo poder de sua língua de fogo. Mas isso ainda não é o fim da estratégia.

Febvre conseguia a partir de poucas palavras condenar um homem por um pecado a qual ele não havia cometido. Pois há de se surpreender que um historiador tenha afirmado que em plena Idade Média Russa faltassem documentos e acontecimentos? O pecado de Seignobos consistia precisamente em não ser um historiador renovado, da estirpe de Febvre, capaz de arrancar a partir de teorias e hipóteses o suco da vida escondido naquele número reduzido de fontes históricas. O pecado de Seignobos consistia em não ser como Lucien Febvre.

Esse caráter colérico adquire novas tonalidades pela própria transformação histórica a qual passava a França. A luta de Lucien Febvre adquire a instância da luta contra a própria consciência à medida que a Segunda Guerra começou a se desenrolar. Em 1941, lembra aos seus alunos que deveriam acreditar no poder transformador da História: “Entre a ação e o pensamento não há separação. Não há barreira” e “A unidade do mundo – do mundo dilacerado, quebrado, ensanguentado e que pede misericórdia: não serão as intervenções exteriores a restabelecê-la”<sup>58</sup>. Esse não é o Lucien Febvre de 1929, mas é o historiador que viu e ainda vê a própria nação na desgraça da vilania e envergonhada pela derrota. E essa derrota tornar-se-ia uma derrota bem pessoal para Febvre.

Lucien Febvre discordou de Marc Bloch a respeito da continuidade da Revista dos Annales no período da Ocupação. Este preferiu que a revista fosse interrompida enquanto aquele desejava que ela continuasse. A revista continuou a ser publicada. A História que se segue é de conhecimento de todos: Marc Bloch engaja-se na Resistência em 42 e é preso e morto em 1944. Lucien Febvre, a partir dessas observações, soa como um personagem estranho. Um arauto da renovação historiográfica incapaz de lutar bravamente assim como o seu colega. Mas não sejamos tão duros: há uma diferença considerável de idade entre Febvre e Bloch<sup>59</sup>. Mas isso não mudará uma perspectiva um tanto quanto injusta de que Lucien Febvre teria, assim como inúmeros outros intelectuais franceses no mesmo período, se

<sup>58</sup> FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Lisboa: Editorial Presença, 1989, p. 40

<sup>59</sup> Lucien Febvre possuía 62 anos em 1940 e Marc Bloch, 54.

resignado a ficar em casa e esperar as coisas “melhorarem”<sup>60</sup>. Injusta ou não, a impressão que permanece é a de certo arrependimento e uma consciência fragmentada. No fundo, Febvre parecia, ao ter feito pouco no período da Ocupação, ter contribuído para aquele estado de coisas. Talvez sentisse que a morte do amigo em 1944 pudesse ter sido evitada de alguma forma. Pior: talvez sentisse que tinha algo a ver com aquele triste acontecimento...

Lucien Febvre sempre se lembrará de Marc Bloch. No caso, a lembrança torna-se até necessária. “Marc Bloch, de todas as perdas em homens sofridas pela França entre 1940 e 1945, talvez a mais cruel e a mais inexplicável”<sup>61</sup>. Marc Bloch é o intelectual que morreu lutando ao lado da Resistência. “Todos os escritos de Marc Bloch [...] e que datam desse período de 1940 a 1943 por ele atravessado com tanta dignidade, heroica resolução e nobreza, trazem a mesma marca”<sup>62</sup>. Marc Bloch torna-se símbolo de historiador sob a pena de Lucien Febvre. E o seu livro, escrito num campo de concentração, *Apologia da História*, livro póstumo, livro incompleto, vira uma relíquia entre os historiadores. Relíquia comum, que podia ser comprada em qualquer livraria, mas ainda sim objeto de veneração – não pela sua forma, mas pelo conteúdo. Conteúdo esse até mesmo um tanto quanto complicado, vítima das circunstâncias – sem acesso a própria biblioteca e sob pressão psicológica –, cuja realidade é sublimada por meio de eufemismos da parte de Lucien Febvre: “O próprio estilo tinha mudado. Mais sóbrio. Menos malicioso. Mais comovente [...]”<sup>63</sup>.

Lucien Febvre tornou-se o arauto da mensagem de Marc Bloch. Com isso não queremos dizer que Lucien Febvre é o criador da personalidade de um outro homem, mas antes o sujeito que enriquece o discurso do amigo. Dá-lhe os princípios orientadores, corrige as partes as quais julga necessário. Trabalha na divulgação do material póstumo do companheiro morto pelos nazistas. Tudo sem perder as próprias características como historiador e acadêmico respeitado. No fundo, Lucien Febvre também percebe que se fazia necessário salvar a História. Percebe melhor, diríamos, após os acontecimentos de 1940. E serão nesses anos definidores da Ocupação que

---

<sup>60</sup> “[...] alguns historiadores, como Daniel Lindenberg e Alain Guerreau, acusaram Febvre de complacência, de oportunismo em relação ao regime de Vichy ou de ter consentido com ‘um horizonte de que os judeus teriam desaparecido’” (DELACROIX; DOSSE, GARCIA; 2012, p. 154)

<sup>61</sup> FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Lisboa: Editorial Presença, 1989, p. 241

<sup>62</sup> FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Lisboa: Editorial Presença, 1989, p. 245-246

<sup>63</sup> FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Lisboa: Editorial Presença, 1989, p. 246

Febvre tornar-se-á, aos poucos, um homem diferente. Daí nascerá um novo tipo de homem, ainda colérico, mas de uma raça diferente: o homem dos Annales.

Se aceitarmos que a essência da Escola dos Annales é um certo estado de espírito em relação ao mundo, então nos parece certo também concordar em estabelecer quando isso de fato ocorreu. A mudança de perspectiva já estava latente em meados de 1929, quando a revista *Annales d'histoire économique et sociale* é fundada por Marc Bloch e Lucien Febvre. Mas esses primeiros anos da revista não são assim tão explosivos: o começo da Escola dos Annales restringe-se à França e aparenta ser apenas mais uma revista de divulgação historiográfica. A fórmula utilizada tampouco parece muito original: repete os ensinamentos dados pelo filósofo Henri Berr, espécie de “mentor e pai espiritual” dos Annales<sup>64</sup>. A partir disso, convém estabelecer a noção de que a chave para compreendemos o movimento dos Annales não consiste naqueles primeiros anos, anos da revista e de divulgação sóbria, mas sim os anos da guerra e do pós-guerra. São nesses anos de dificuldade intensa e de visões apocalípticas que a Escola dos Annales adquirirá uma força em potência e que de fato se realizará em grandes transformações, inclusive sob a base material de uma instituição própria. De mera revista na década de 30 a Escola dos Annales passará a um prédio próprio que funcionará como o corpo dos Annales, como a ação histórica no tempo da vontade daqueles dois homens que fundaram a revista em 1929. E isso ocorre já de forma imediata em 1947, com a criação da VI Seção da École Pratique des Hautes Étude. Uma vitória de Lucien Febvre que estabelece uma nova posição aos Annales.

Lucien Febvre é assombrado por visões apocalípticas. E assim como Marc Bloch – sobretudo a partir das consequências da morte de Marc Bloch – percebe a necessidade de também salvar a História e o homem. Lucien Febvre é o intelectual que identifica a crise. É o homem que percebe que o mundo de seus pais jaz moribundo. “O problema não é, sequer, saber se a nossa civilização vai desaparecer [...] É saber que civilização se estabelecerá amanhã nesse mundo novo”<sup>65</sup>. Lucien Febvre permanece preocupado com o futuro. A quem o futuro reservará a majestade de representar como civilização vitoriosa frente aos desafios lançados pelo século XX? E que civilização seria essa? Lucien Febvre reconhece que as civilizações são mortais, não eternas. E qual é a sua recomendação, mediante tal situação calamitosa?

---

<sup>64</sup> DOSSE, François. **A História em Migalhas**. São Paulo: Editora Ensaio, 1994, p. 45

<sup>65</sup> FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Lisboa: Editorial Presença, 1989, p. 44

“O mundo de ontem acabou [...] À água, digo-vos eu, e nadem com força”<sup>66</sup>. Em tempos de calamidade restava aos franceses a aceitação de que o antigo mundo deveria ser esquecido. E a História tem um papel fundamental na nova fronteira que se abre dentre as ruínas da civilização que malogrou. Não a história que meramente narra e descreve, mas aquela que coloca problemas e busca hipóteses. Aquela que “Compreende e faz compreender”<sup>67</sup>. Uma história marcada pela visão constante e ininterrupta do tempo presente.

Lucien Febvre é o anunciador de novos tempos para a História. As suas críticas são incessantes e conquistam o coração dos jovens historiadores franceses, entusiasmados com aquelas palavras agressivas, aquele “vocabulário guerreiro de Lucien Febvre”<sup>68</sup>. O próprio livro que reúne em torno de si uma série de artigos publicados antes e depois da tragédia do século XX é sintomático: “*Combates pela História*”. Eis Lucien Febvre: um combatente implacável pela legitimidade da disciplina histórica, tal como Marc Bloch. Ser historiador para Lucien Febvre é ser precisamente isto: um guerreiro. E isso não é algo herdado de Marc Bloch: é uma personalidade bem própria sua, é seu temperamento real. Mas a Segunda Guerra marca-o profundamente, especialmente a morte do amigo. Une-se ao temperamento colérico e combatente o novo espírito resoluto de historiador confiante nos altos ideias dos Annales. Lucien Febvre se transforma no “homem dos Annales”: não mais o líder de uma revista um tanto quanto marginal no cenário francês, mas o profeta de um novo cenário espiritual na situação imediata do pós-guerra. E são esses anos em que se torna o principal responsável pela publicação das obras póstumas de Marc Bloch e por sua divulgação em toda a França e Europa. São nesses anos em que cria a grande epopeia do confronto épico dos dois historiadores franceses em combate constante contra os historiadores “historicizantes” de um lado e fascistas do outro. São naquelas palestras, aulas, eventos, conversas e encontros que são delineados a nova noção da boa prática historiográfica, influenciada sobretudo pelo desastre da Segunda Guerra: “virem resolutamente as costas para o passado e antes de mais vivam. Envolvam-se na vida”<sup>69</sup>.

<sup>66</sup> FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Lisboa: Editorial Presença, 1989, p. 48

<sup>67</sup> FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Lisboa: Editorial Presença, 1989, p. 49

<sup>68</sup> FURET, François. **A oficina da história**. Lisboa: Gradiva, 1991, p. 10

<sup>69</sup> FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Lisboa: Editorial Presença, 1989, p. 40

A luta de Lucien Febvre sempre teve essas duas dimensões: o combate contra os inimigos da História e o combate individual do sujeito que indaga a respeito das próprias decisões. Não é possível imaginar que Lucien Febvre nunca tenha se ressentido profundamente da morte de Marc Bloch. Daí é possível imaginar que esse acontecimento tenha transformado profundamente a sua própria trajetória. Absorveu para si a mensagem de que não era possível permitir que aquele sacrifício passasse em vão. Marc Bloch escrevia livros as quais jamais podia imaginar que um dia seriam lidos – acreditava no poder transformador da palavra, da história e da eternidade das ações humanas. Bloch fez o que fez em situações as quais a única testemunha era a própria “história”. E Lucien Febvre foi um dos primeiros a perceber isso e tratou de transformar aquele testemunho de sangue num testemunho universal. A luta de um homem contra o meio hostil transformou-se na luta de dois homens contra um meio ainda hostil e que precisava ser enfrentado sob a ótica da guerra.

### 2.3 O tempo em Fernand Braudel

Fernand Braudel (1902-1985) é o historiador mais poderoso do movimento dos Annales. Herdeiro natural dos pais fundadores, Marc Bloch e Lucien Febvre, torna-se o rosto e o corpo dos Annales no pós-guerra. E tal como Bloch e Febvre, herda também a “vontade dos Annales”, aquele sentimento de pertencimento, sem programa ou paradigma definido, mas caracterizado por um sintoma de mal-estar geral com a civilização europeia. Sente-se impelido em também salvar a história e o homem. Torna-se um verdadeiro imperador das ciências humanas, desejando-as reunir todas em torno da disciplina de história; chama-as de ciências sociais imperialistas, mas quem age como rei unificador é o próprio Braudel. Em seu auge chegou a ser chamado às escondidas de ser um “novo Luís XIV”<sup>70</sup>. Fernand Braudel representa de forma máxima aquilo que estamos chamando de essência dos Annales: o surgimento de um novo tipo de historiador, intelectual marcado por um desejo profundo de salvar a “História”. Isso justifica o futuro do próprio movimento, quando em 1987 François Dosse escreve: “[...] o discurso dos Annales de hoje está, em muitos pontos, em contradição ao de Lucien Febvre e ao de Marc Bloch”<sup>71</sup>. Essa interpretação de que a Nouvelle Histoire representa ou uma ruptura ou uma simples continuidade da Escola

<sup>70</sup> DOSSE, François. **A História em migalhas**. São Paulo: Editora Ensaio, 1994, p. 131

<sup>71</sup> DOSSE, François. **A História em migalhas**. São Paulo: Editora Ensaio, 1994 p. 97-98

dos Annales iniciada por Marc Bloch e Lucien Febvre é uma discussão um tanto quanto inoportuna para as nossas pretensões mais imediatas. Há bons argumentos a favor e contra. Mais importante é perceber que as respostas quase sempre possuem interesses a-históricos em suas formulações: são críticas ou defesas que no fundo fazem a mesma pergunta: “Você é a favor ou contra o que a Escola dos Annales se transformou?”. No fundo, ambos os grupos percebem que a Escola dos Annales de Marc Bloch e Lucien Febvre não existe mais: transformou-se numa outra coisa. E é essa percepção que nos interessa. Acreditamos que com a trajetória de Fernand Braudel será possível responder satisfatoriamente a essas questões.

A trajetória de Fernand Braudel é fortemente marcada pela Segunda Guerra. Braudel é preso e é na prisão na Alemanha que termina de escrever o seu livro sobre o Mediterrâneo: “Had it not been for my imprisonment, I would surely have written quite a different book”<sup>72</sup>. É a cadeia, a prisão da alma e do corpo, a condição do testemunho de sofrimentos terríveis, pessoais e patrióticos, que conduz Fernand Braudel a escrever o seu mais famoso livro. As suas páginas são escritas a partir de sua situação no mundo como um prisioneiro do Império Nazista. Páginas escritas para nunca serem lidas numa possível derrota iminente ou um texto poderoso de reflexão que ao invés de realizar uma fuga procurava já estabelecer as diretrizes da historiografia futura? Alguns podem imaginar que Fernand Braudel escreveu sobre o Mediterrâneo como uma fuga do tempo presente, assim como os antigos poetas da Antiguidade faziam com suas poesias pastoris. O Mediterrâneo nesse sentido adquire o tom da Arcádia. Ou ao contrário: buscava respostas na “longa duração” para a tragédia do tempo presente.

Fernand Braudel sobrevive à catástrofe da prisão pelos nazistas. Já em 1950, em seu discurso no Collège de France: “A história se encontra, hoje, diante de responsabilidades temíveis, mas também exaltantes”<sup>73</sup>. Braudel fala como um historiador que dialoga com os sobreviventes da guerra. O mundo europeu estava uma desordem completa e em 1950 os efeitos ainda eram fortemente sentidos. Mas mesmo nesse *grand soir* da Civilização Ocidental era possível identificar a aurora do novo dia que traria a boa-nova a todos os homens. A civilização perduraria. Não

<sup>72</sup> BRAUDEL, Fernand. **Personal Testimony**. The Journal of Modern History, n. 4, vol 44, dez. Chicago: University of Chicago, 1972, p. 453

<sup>73</sup> BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a História**. São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 17

precisaria renascer das cinzas. Mas isso tampouco afastava os perigos reais que assombravam o espírito dos europeus.

O desastre alerta e a tranquilidade amolece. Fernand Braudel adquire um certo gosto em provocar. A respeito da Bellé Époque:

Mas quem dirá quanto esses anos relativamente pacíficos, quase felizes, *iriam restringir progressivamente a ambição da história*, como se nosso mister para estar alerta necessitasse sempre do sofrimento e da insegurança flagrante dos homens.<sup>74</sup>

Mediante o caos, pouco restou para continuar ou manter com a mesma força de expressão de outrora: “Todos os símbolos sociais [...] esvaziaram de seu conteúdo [...] Todos os conceitos intelectuais curvaram-se ou romperam-se”<sup>75</sup>. A ciência já não dá resposta ou tranquiliza e a arte já não é mais capaz de atiçar a humanidade ou elevar os espíritos. O mundo virou de cabeça para baixo em poucas décadas e é nessa singularidade especial que urge a emergência de uma Nouvelle Histoire: “Um novo mundo, porque não uma nova história?”<sup>76</sup>.

A história dos homens está ameaçada, pois o mundo virou de ponta-cabeça. Mas o mais importante: a História precisa ser salva. Não há nada mais urgente do que empreender um resgate da disciplina histórica. Um resgate de sua legitimidade, um resgate de sua força e expressão. Bons eram os tempos dos historiadores no século XIX, o século da história; vivendo em seus castelos de prestígio acadêmico, intocáveis e respeitados, influenciavam e inspiravam governantes e grandes personalidades políticas. Mas à época de Fernand Braudel a História se encontrava à deriva. Não era, contudo, tempo de restaurar a historiografia do século precedente.

O tempo dos heróis e dos grandes acontecimentos realizados por indivíduos únicos e incríveis ficou no passado. Assim como a antiga filosofia da história desapareceu, já não há mais espaço para o historiador imaginar que os indivíduos fazem a História. Para Fernand Braudel, a historiografia abre-se a um novo oceano esperançoso da história “anônima, profunda e amiúde silenciosa [...]”<sup>77</sup>. Fernand Braudel é esse personagem de alto prestígio na academia francesa, professor respeitado e fundador de novas instituições. É quem dá as últimas orientações

<sup>74</sup> BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a História**. São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 18-19 [nossos grifos]

<sup>75</sup> BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a História**. São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 19

<sup>76</sup> BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a História**. São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 19

<sup>77</sup> BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a História**. São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 23

criadoras e vivificadores da Escola dos Annales – e que apenas com Braudel se transforma, de fato, num movimento de forte envergadura tanto na França como internacionalmente. Braudel é um desses heróis do passado, o indivíduo que modifica o tempo contemporâneo pelas próprias ações e atitudes; o sujeito que atenta contra as “espumas do oceano”, condenando-as nas palavras escritas o que a própria vida retribui sob a forma de negação. Não é hipocrisia. Braudel não é, com efeito, um filósofo que vive em desconformidade à própria filosofia. Mas é um historiador cujas ações em vida desmentem a própria teoria.

Mas Braudel é coerente em não apostar muito na vitória das próprias ações. “Quem saberia, nos fatos confusos da vida atual, distinguir tão seguramente o durável do efêmero?”<sup>78</sup>. As suas ações poderiam ser infrutíferas. Daí a escassez dedicada ao evento e ao acontecimento. Mas isso denuncia, por sua vez, a fragilidade dessas coisas de “curta duração”? Não. Braudel vê algo de misterioso na História. Não seriam os homens que “fariam a História”, mas a própria História “faria o homem”<sup>79</sup>. Essas estruturas invisíveis, flocos de neve flutuando sob as faces dos indivíduos, surpreendendo-os e condenando-os sem que sequer saibam coerentemente o que se passa. São como os miasmas que pairam no ar, sem que alguém se dê conta. Miasmas resistentes e duradouros – de longa duração. Na primeira oportunidade infectam um pobre infeliz que ousassem acreditar na capacidade do evento e do acontecimento.

A História está sobrevivendo. E está sobrevivendo pois soube absorver, como uma civilização própria, as contribuições das outras disciplinas. A salvação da História perpassa, necessariamente, deste entendimento:

Não é necessário multiplicar os exemplos para explicar como a História, durante esses últimos anos, se enriqueceu com aquisições e contribuições de suas vizinhas. Verdadeiramente ela construiu com eles um *novo corpo*<sup>80</sup>.

Vidal de La Blanche, François Simiand, Marcel Mauss, Georges Gurvitch... são os heróis de Fernand Braudel. Nesse momento a investigação não adota o olhar dos procedimentos anteriormente abordados na lógica de uma nova história. É como se não existisse uma longa duração que também atingisse a História como disciplina e cujas formas atuais e momentâneas fossem apenas o vislumbre de um desvio

<sup>78</sup> BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a História**. São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 31

<sup>79</sup> BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a História**. São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 23

<sup>80</sup> BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a História**. São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 33 [nossos grifos]

corriqueiro que haveria de ser ultrapassado posteriormente rumo aos retornos originais e bem estabelecidos.

Para Fernand Braudel o século XX representa uma ruptura na disciplina histórica. Ruptura, pois eis que surge um novo corpo, revestido de incorruptibilidade e de imortalidade. É a vitória da História sobre a morte. Mas é também a percepção de que as pequenas situações, dependendo da forma, comportam os germes dos grandes momentos: “É evidente que foi um momento decisivo, para a história francesa, a fundação, em 1929, em Estrasburgo, dos Annales d'histoire économique et sociale, por Lucien Febvre e Marc Bloch”<sup>81</sup>. Estaria a renovação dos Annales condenada a ocorrer sem a presença de Bloch e Febvre? A renovação historiográfica ocorreria de qualquer maneira, independentemente da vontade dos indivíduos? E se ela ocorreu, seria então sem importância, contradizendo a expressão “momento decisivo” de Fernand Braudel?

Não, pois Fernand Braudel admite que o movimento dos Annales é um movimento de indivíduos. E também poderíamos admitir num estágio posterior, a atuação de um grupo. E são essas pessoas, homens de carne e osso, que infundiram vida na Escola a partir de palavras, sugestões ou meros avisos. A respeito de Lucien Febvre, diz-nos Braudel que: “Ninguém poderia estabelecer a conta exata de todas essas ideias assim prodigalizadas, difundidas por ele, e nós nem sempre o alcançamos em suas alertas viagens”<sup>82</sup>. E se em algumas páginas anteriores Fernand Braudel condenava os indivíduos ao esquecimento, mediante as estruturas de longa duração, agora aparece tecendo elogios profundos a Lucien Febvre:

Pois contestar o papel considerável que se quis dar a alguns homens abusivos na gênese da História, não é, certamente, negar a grandeza do indivíduo, enquanto indivíduo, nem o interesse para um homem, de se debruçar sobre o destino de outro homem.<sup>83</sup>

Fernand Braudel reconhece que são os indivíduos que emergem das páginas da realidade. Ao falar de Henri Berr prefere o tom dos acontecimentos e eventos. Para Braudel, Berr apesar de ser uma “ovelha negra” do establishment acadêmico francês durante muitos anos, conseguiu reunir em torno de si, muito antes dos Annales, um grupo de intelectuais dispostos a trabalhar em torno de novas ideias. E resume a vida intelectual francesa: “French Intellectual life, as no doubt elsewhere, depends on small

<sup>81</sup> BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a História**. São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 33

<sup>82</sup> BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a História**. São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 34

<sup>83</sup> BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a História**. São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 35

groups, active minorities, salons of today and of times past, circle, coteries, editorial offices, minority political parties”<sup>84</sup>. Para Fernand Braudel, o segredo do sucesso consiste não apenas na publicação de artigos numa revista, mas especialmente aquele ambiente de encontros e conversas entre os intelectuais reunidos em torno de Henri Berr. Um grupo de jovens intelectuais conversando, discutindo, recebendo conselhos e participando de intensos debates em torno do mestre a qual todos respeitavam. “If Henri Berr wrote little [...] The fact is that his main contribution was to summon, speak, instruct, discuss, listen, bring together, and lose himself in dialogues and innumerable small councils”<sup>85</sup>. Eis as origens mais imediatas dos Annales de 1929: tanto Febvre como Bloch fizeram parte do círculo íntimo de Henri Berr. Eis a origem dos historiadores heréticos franceses.

Braudel acredita que o sucesso dos Annales se devia ao “talento excepcional” de Marc Bloch e Lucien Febvre. E atribui a vitória dos Annales principalmente a: “But their success, at the most fundamental level, was the success of a editorial collaboration, marvelously managed and unique in history of French historiography”<sup>86</sup>. Braudel evita relacionar a vitória dos Annales a atuação de Febvre entre 1946-1956 e a sua própria atuação posterior. O “Grande Annales” teria sido o dos pais fundadores, que teriam criado as bases que se fortaleceram com o passar dos anos. Essa interpretação soa bem como aquilo que outros historiadores têm convencionado chamar de “visão mítica da Escola dos Annales” e a qual, propositadamente, ainda preferimos não adentrar em discussão. Pois o que realmente importa é percebemos a visão de Fernand Braudel e o primeiro impacto que as suas palavras e atitudes tiveram para toda uma geração que aceitava de forma sincera àqueles pensamentos e sugestões.

Nesse sentido, Fernand Braudel é o homem que procura salvar a História por meio da atualização de suas premissas básicas – é a salvação por meio da integração com outras disciplinas. E faz isso em sincero espírito de devoção aos pais fundadores da Escola dos Annales: Marc Bloch e Lucien Febvre, que também acreditavam na interdisciplinaridade. Falar-se-á em ruptura em germe a partir de Braudel apenas à

<sup>84</sup> BRAUDEL, Fernand. **Personal Testimony**. The Journal of Modern History, n. 4, vol 44, dez. Chicago: University of Chicago, 1972 p. 458

<sup>85</sup> BRAUDEL, Fernand. **Personal Testimony**. The Journal of Modern History, n. 4, vol 44, dez. Chicago: University of Chicago, 1972 p. 459

<sup>86</sup> BRAUDEL, Fernand. **Personal Testimony**. The Journal of Modern History, n. 4, vol 44, dez. Chicago: University of Chicago, 1972 p. 461

medida que se crê na hipótese de que tanto Bloch quanto Febvre desenvolveram um programa ou um novo paradigma. A realidade, contudo, é bem distinta, como procuramos reforçar.

Mas é curioso notar que em sua tentativa de salvar a História Braudel demonstre momentos de inspiração e percepção de que são os indivíduos que fazem a história. E faz isso concomitantemente à crítica mais insidiosa contra este tipo de historiografia. Pois no final de tudo, o que realmente importa é a continuidade da disciplina, a continuidade de sua legitimidade...a continuidade de uma civilização histórica: “*O único erro, a meu ver, seria escolher uma dessas histórias com exclusão das outras*”<sup>87</sup>. Braudel se posiciona como o homem em defesa da multiplicidade de formas historiográficas pois percebe o erro da historiografia tradicional, excludente e sedutora. A civilização histórica permanecerá se mantiver uma abertura ao “novo”: eis a forma como o homem poderá ser salvo. Daí se comprehende que não há uma contradição total na escrita da história e nas atitudes de Braudel. Estruturas e acontecimentos, longa duração e curta duração, tudo isso pode e deve andar junto; pois há algo de fato mais importante e que precisava ser salvo: a legitimidade da disciplina histórica.

Fernand Braudel quer salvar a História também das outras disciplinas das “humanidades”. As ciências sociais – sobretudo a antropologia e a sociologia – praticamente não admitem o tempo como horizonte de possibilidades. Condensam o pensamento em torno de “estruturas”, sobretudo a antropologia e a sociologia do pós-guerra, fortemente influenciada por Claude Levi-Strauss (1908-2009). Ora, Fernand Braudel em seu intuito de salvar a História decide fazer uma política de concessões<sup>88</sup>. O tempo torna-se imóvel ou “quase imóvel”, ou melhor: o bom estudo do tempo torna-se o estudo da longa duração:

Se a história está destinada, por natureza, a dedicar uma atenção privilegiada à duração, a todos os movimentos em que ela pode decompor-se, a longa duração nos parece, nesse leque, a linha mais útil para uma observação e uma reflexão comuns às ciências sociais. É pedir muito, a nossos vizinhos, desejar que a um dado momento de seus raciocínios, reconduzam a esse eixo suas constatações ou suas pesquisas?<sup>89</sup>

A história estuda o homem no tempo. A dimensão temporal aborda, portanto, todas as correspondências do estudo histórico. Mas a modernidade exige uma nova

<sup>87</sup> BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a História**. São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 53 [nossos grifos].

<sup>88</sup> DOSSE, François. **A História em migalhas**. São Paulo: Editora Ensaio, 1994, p. 101-164

<sup>89</sup> BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a História**. São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 75

preocupação aos historiadores: a relevância, a pertinência, a legitimidade de sua disciplina frente a um tempo presente que permanece satisfeito com as explicações das demais ciências sociais. A história precisa se atualizar, precisa aceitar a nova realidade dos novos tempos.

A História estava enfrentando um momento difícil naqueles anos do pós-guerra. E para Fernand Braudel, mas também para Bloch e Febvre, pais fundadores dos Annales, toda obsessão de pensamento histórico está redirecionada para esta mesma temática: tornar a História uma disciplina sólida, coerente e legítima de estudos. Discorrendo a respeito das ciências humanas, diz Braudel que: “Cada um dos seus fracassos – no domínio prático das aplicações – torna-se então um instrumento de verificação de seu valor, até mesmo de sua razão de ser”<sup>90</sup>. Eis o desejo de Braudel para a História: superar o momento de fracasso, este fracasso decorrente da curta-duração, do tempo “consciente”, do acontecimento e do evento, o fracasso da história narrativa-linear – o fracasso que, na visão de Braudel, teria contribuído para a limitação da história como uma disciplina respeitável academicamente.

Fernand Braudel é por excelência o “homem dos Annales”, o novo tipo de historiador preconizado por Lucien Febvre e Marc Bloch. É o fruto maior daquela filosofia de vida, daquele estado de ser, daquele posicionamento diante da história e da civilização. É a consequência natural daquelas primeiras ideias. O tempo à época de Braudel torna-se tempo de mudança: era preciso fazer diferente, pois o passado tornara-se “imóvel”. Mudança e permanência dançam juntas nessa festa macabra marcada por contradições – vividas na própria pele como historiador que no fundo acreditava mais no poder e na transformação da ação dos indivíduos, do contrário jamais teria investido tanto tempo e esforço na manutenção dos “ideais” dos Annales. Mas esse tempo de mudança é em espírito e essência àquele mesmo tempo dos pais fundadores, Marc Bloch e Lucien Febvre. Pois no fundo o que uniam esses três homens era o desejo total de salvar, defender e manter a civilização histórica: a Civilização Ocidental que depende da disciplina histórica como uma de suas maiores heranças intelectuais e humanitárias.

Ao ser perguntado sobre o que é a “História”, Fernand Braudel poderia dar uma resposta semelhante à de Agostinho de Hipona a respeito do tempo: “Si nemo ex me quaerat, scio: si quaerenti explicare velim, nescio”<sup>91</sup>. Assim como Agostinho, Braudel

---

<sup>90</sup> BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a História**. São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 81

<sup>91</sup> “Se me perguntarem, sei; se me pedirem para explicar, não sei”. [nossa tradução].

também é o sujeito que encara a civilização a partir de um novo olhar. Ambos sabem o que é o tempo e a história. Mas Braudel preferiria deixar a explicação para as futuras gerações, deixando vivas àquelas palavras de Marc Bloch: “O mundo pertence aos que amam o novo”. Ele próprio, Fernand Braudel, um novo homem, um novo tipo de historiador: o Homem dos Annales.

### 3.4 Um breve interlúdio

O próximo capítulo seguirá um rumo muito diferente. É importante que justifiquemos as nossas escolhas até agora. Eis uma frase que pode sintetizar toda a nossa pretensão até o presente momento: demonstrar ao leitor a importância da narrativa histórica para a compreensão do tempo. A nossa interpretação permitiu perpassar por diversos artigos e livros dos pais fundadores dos Annales a partir da teoria do leitor de Paul Ricoeur. A conclusão à qual chegamos foi esta: os leitores dos Annales – os principais destes sendo os próprios annalistas de primeira ordem – decidiram agir no mundo a partir de uma interpretação bem própria do movimento como um todo: era preciso mais do que tudo “salvar a História”.

Mas o que está oculto nessa tentativa de salvar a História? O que permanece invisível é a existência da estrutura do desejo imitativo. É nesse momento em que Paul Ricoeur e René Girard se encontram. A apropriação do leitor ocorre concomitantemente ao seu desejo de imitar os próprios desejos do escritor. A apropriação se transforma em desejo e o desejo em realidade por meio da ação. É nesse momento a qual o meu desejo já não é mais originalmente o meu que podemos falar numa síntese entre ambos os teóricos. O que ocorreu com os Annales foi precisamente isto: a apropriação do leitor resultou numa tentativa de imitar os desejos do “outro”; quando isso acontece, o significado maior é que o “outro” tem poder sobre você – todas as suas ações já não são mais suas, mas as do “outro”. Isso significa que falar em desejo imitativo e falar em poder será o palco central do próximo capítulo: o poder se revela quando as suas vontades já não são mais suas, mas de outrem.

Contudo, muitos historiadores preferem enxergar a Escola dos Annales de uma outra forma. As duas maiores conclusões sobre o significado da Escola dos Annales veem o movimento como “neoconservador”, “tecnocrático” ou até mesmo “adaptado ao poder” e que essas relações justificariam o seu domínio e hegemonia na França.

Portanto, o que primeiro devemos fazer é avaliar essas interpretações. Esse será a discussão inicial do próximo capítulo. Após a avaliação dessas interpretações seguiremos com a nossa a partir da teoria de René Girard.

### 3. A VITÓRIA E O DOMÍNIO DOS ANNALES NA FRANÇA

O domínio dos Annales na França revela um esquema de poder. Nesse ponto concordariam dois grandes historiadores especialistas na Escola dos Annales: José Carlos Reis e François Dosse. José Carlos Reis vê o movimento dos Annales como um movimento “neoconservador” e François Dosse enxerga como um movimento que se “adaptou ao poder”. Em ambas as análises é possível observar as notas dos principais paradigmas que influenciaram a historiografia no século XX: estruturalismo e o materialismo histórico. O caso de François Dosse é mais útil para as nossas intenções futuras, pois esse historiador absorve a crítica foucaultiana a fim de realizar um estudo aprofundado da Escola dos Annales em seu livro *A história em migalhas*.

Michel Foucault (1926-1984) renovou a historiografia da segunda metade do século XX ao seguir Nietzsche em sua crítica à razão ocidental. A História para Foucault é descontínua – não há uma linha contínua em direção ao progresso; ao contrário, a grande marca da natureza histórica é a ausência de sentido. Em seus dois principais livros, *Vigiar e Punir* (1975) e *Microfísica do Poder* (1977), Foucault procura delinear o funcionamento do poder na sociedade. Eis a conclusão à qual chegou Michel Foucault: não há uma verdade na História, apenas discursos. Qual é a razão de ser desses discursos? Ora, os discursos revelam os esquemas de poder dominantes na sociedade. Essa interpretação foi extremamente popular em certos círculos da historiografia que passaram a realizar uma crítica sistemática da cultura, observada a partir de então pela nova ótica do discurso.

Há semelhanças com o conceito de ideologia do materialismo histórico. Inicialmente, ideologia para a teoria marxiana clássica significava uma visão invertida da realidade ou uma “[...] justificação – mediante as leis, a moral, a filosofia etc. – da ordem social existente”<sup>92</sup>. Louis Althusser (1918-1990), inspirado pelo materialismo histórico e pelo estruturalismo chega a novas conclusões: ideologia passa a ser vista como esquema de representações. É uma esperança, uma saudade, “uma atmosfera indispensável à respiração social”<sup>93</sup>. O sociólogo Karl Mannheim (1893-1947) em seu livro *Ideologia e Utopia* percebeu que as ideias dependem do seu momento histórico<sup>94</sup>.

<sup>92</sup> ANTISERI, Dario; REALE, Giovanni. **Filosofia: Idade Contemporânea, vol 3.** São Paulo: Paulus, 2018, p. 35.

<sup>93</sup> BOUDON, Raymond. **A Ideologia**. São Paulo: Editora Ática, 1989, p. 32

<sup>94</sup> BOUDON, Raymond. **A Ideologia**. São Paulo: Editora Ática, 1989, p. 60-61

Isto é, o que poderia ser considerado uma verdade no século XV (a ideia de milagre, por exemplo) passou a ser visto como algo irreal e mentiroso no século XVIII. Como pode ser visto, o conceito de ideologia é multifacetado e quase sempre dificílimo de ser resumido, visto que possui diversas conotações para além do alcance mais ou menos imediato do próprio marxismo (autores liberais como Raymond Aron e Talcott Parson também fizeram vasto uso do conceito). O filósofo marxista Terry Eagleton percebeu a presença de mais de uma dúzia de sentidos que o conceito de ideologia acarreta<sup>95</sup>.

A semelhança entre discurso e ideologia coincide no fato de que ambos os conceitos possuem uma função parecida no cenário intelectual: o que é chamado de discurso ou de ideologia é quase sempre as premissas filosóficas, econômicas, históricas e intelectivas do “outro”. No caso do discurso o oposto também é verdadeiro: se não há verdades, mas apenas discursos, também é um discurso o pronunciamento de tal “verdade”. No caso de ideologia, também é possível identificar autores que não identificam uma verdade propriamente dita, mas apenas ideologias para todos os lados, embora seja mais raro. Em suma, os conceitos servem para o mesmo propósito: invalidar teses que hão de ser vistas ou como ideológicas (isto é, falsas) ou como meros discursos (também falsos). François Dosse inspirado no estruturalismo foucaultiano considera a Escola dos Annales como um discurso “associado ao poder” de tipo econômico-social. Por sua vez, José Carlos reis enxerga a Escola dos Annales como um movimento “neoconservador”, inspirado em diversos paradigmas científicos, especialmente o materialismo histórico.

Avaliar os Annales a partir de discursos ou ideologias ultrapassa os limites mais imediatos do presente trabalho. O nosso interesse é outro e consiste precisamente em analisar os Annales como um movimento adaptado ao poder, mas a um outro tipo de poder. Não faz parte do escopo de nossa pesquisa identificar ideologias ou discursos no conjunto dos escritos dos historiadores dos Annales. O movimento dos Annales revela um esquema de poder que podemos chamar de poder mimético.

O uso dos conceitos “discurso” e “ideologia” quase sempre apagam a figura do “outro” quando o propósito total de nosso trabalho é abraçar a figura do outro como aquele que produz novos desejos. Isso não anula a presença de discursos e ideologias na sociedade, mas amplia o leque de possibilidades de interpretação

---

<sup>95</sup> BARROS, J.D'A. **Teoria da História vol III: paradigmas revolucionários**. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 145-146

histórica, especialmente da atividade intelectual. O “outro”, antes de ser mero discurso ou ideologia, é vontade – vontade que desperta desejos. O “outro” é aquele que pode submeter terceiros pela sua mera presença: submissão pela transformação da própria vontade na vontade do que submete.

Antes de adentrarmos nessa discussão é necessário observar o que os historiadores especializados na Escola dos Annales estão desenvolvendo sobre o movimento. Devemos avaliar as teses de José Carlos Reis e François Dosse primeiro antes de avançarmos na teoria mimética.

### 3.1 Estratégias e debate historiográfico

A maior parte dos historiadores concordam que a Escola dos Annales foi vitoriosa na França. E por vitoriosa queremos dizer: foi eminentemente dominadora. Os espaços intelectuais foram dominados por historiadores do movimento dos Annales influenciados por aquele espírito de renovação incentivado por Marc Bloch, Lucien Febvre e Fernand Braudel. E há diversos argumentos para explicar esse acontecimento. Os argumentos que sempre aparecem na bibliografia sobre o tema são estes: 1) justificação mítica; 2) abertura interdisciplinar; 3) conquista dos espaços institucionais. O ecumenismo do movimento – que não possui uma teoria única e consolidada<sup>96</sup> -- somado ao “mito fundador” teriam contribuído para o fortalecimento do grupo na França. Aos poucos, a partir de uma série de estratégias editoriais e políticas, o que antes era apenas uma revista de divulgação acadêmica se transformou no ponto de partida para se pensar a prática historiográfica na França.<sup>97</sup>

Guy Bourdé (1942-1982) e Hervé Martin (1948-) são um dos primeiros a historicizar a Escola dos Annales. E são um dos primeiros historiadores a discutir a temática do mito fundador<sup>98</sup>: “Invocar antepassados venerados por todos permite evitar confrontos demasiado violentos”<sup>99</sup>. Para os autores, a vitória dos Annales deve ser compreendida a partir dessa construção que é feita em torno das ações de Marc

<sup>96</sup> BARROS, J.D.A. **Teoria da História - Volume V: A Escola dos Annales e a Nova História**. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 18-19

<sup>97</sup> DOSSE, François. **A História em migalhas**. São Paulo: Editora Ensaio, 1994, p. 13-16

<sup>98</sup> Como já vimos, há dois artigos publicados em 1979 que trazem o mesmo debate do mito fundador, ambos de historiadores pertencentes ao movimento dos Annales: Jacques Revel e André Burguière. Ambos os artigos são anteriores ao livro de Bourdé e Martin.

<sup>99</sup> BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. **As Escolas Históricas**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1990, p. 140

Bloch e Lucien Febvre. Ao invés de serem encarados como historiadores pertencentes ao establishment universitário, tanto Bloch como Febvre foram cada vez mais vistos como outsiders que travavam um confronto épico contra as instituições dominadas pelos historiadores “positivistas”. Em suma, o argumento do mito fundador justifica a vitória e o domínio dos Annales a partir da perspectiva – que é difundida e atrai a juventude francesa -- de que os pais fundadores da Escola dos Annales teriam travado uma batalha contra a historiografia tradicional que dominava, supostamente, toda a instituição universitária na França.

O mito fundador se soma a um outro fator que teria contribuído para o crescimento do movimento dos Annales: a ausência de um paradigma único<sup>100</sup>. Os historiadores sempre concordaram em acentuar como um traço fundamental do movimento dos Annales a interdisciplinaridade, facilitada pela inexistência de um modelo teórico fechado. Os autores demonstram que a ausência de uma filosofia da histórica (ou teoria) caracterizaria a Escola dos Annales. “Consequentemente, os sistemas filosóficos globais, que pretendem enunciar o sentido da História, não são de modo algum apreciados nos Annales”<sup>101</sup>. Ecumenismo e ecletismo: eis a chave para entender a vitória desse movimento na França.

Somado ao mito fundador e à interdisciplinaridade, observamos a apropriação das instituições acadêmicas e editoriais. Em 1947 temos o surgimento da 6 seção da École Pratique des Hautes Études que se transforma em 1975 na École des Hautes Études en Sciences Sociales, uma universidade de fato, com entrega de diplomas aos alunos participantes. Além disso, convém sublinhar que em 1963 foi criada a Maisou des Sciences de l'Homme. O que ocorre no pós-guerra é a institucionalização do movimento dos Annales, a conquista dos espaços acadêmicos e midiáticos.<sup>102</sup>

François Dosse sublinha que a Fundação Rockefeller e a Fundação Ford começam a investir em ciências sociais na Europa após a Segunda Guerra. Na França a História havia abraçado a causa interdisciplinar das ciências sociais, portanto, será a História que herdará tais investimentos norte-americanos. Para Dosse, esse período é caracterizado como “Os anos Braudel”: “Conhecido por seus escritos, Fernand

---

<sup>100</sup> BARROS, J.D'A. **Teoria da História - Volume V: A Escola dos Annales e a Nova História.** Petrópolis: Vozes, 2012, p. 62-63

<sup>101</sup> BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. **As Escolas Históricas.** Lisboa: Publicações Europa-América, 1990, p. 140

<sup>102</sup> BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. **As Escolas Históricas.** Lisboa: Publicações Europa-América, 1990. DOSSE, François. **A História em migalhas.** São Paulo: Editora Ensaio, 1994.

Braudel terá sido, portanto, sobretudo um construtor, mais eficaz ainda pela solidez das construções, das instituições que criou do que pela originalidade de suas teorias".<sup>103</sup> Dosse enxerga Braudel como um "homem de ação", acusado na época não por acaso de ter sido um "novo Luís XIV". Braudel é encarado pelos sociólogos, geógrafos e antropólogos daquele período como o historiador "imperialista", ou melhor, que deseja tornar a História a "ciência imperialista" por excelência, que reúne em torno de si as demais ciências sociais como ciências subordinadas<sup>104</sup>. Mas o que importa para esta monografia é a atuação de Braudel, evidenciada por Dosse como uma atuação que facilitou e ampliou a institucionalização do movimento dos Annales.

Caracterizamos as principais explicações dadas pelos historiadores para a vitória e o domínio dos Annales. Mas ainda há alguns outros argumentos que discutem a essência do movimento dos Annales. Alguns historiadores veem a Escola dos Annales como um movimento de orientação tecnocrático. O primeiro a popularizar esse assunto na França foi André Burguière em um artigo de 1979. Para Burguière, a Escola ou movimento dos Annales possuiria uma essência tecnocrata, "mas sem expressão política"<sup>105</sup>. François Dosse dará continuidade a essa interpretação no seu clássico livro *A História em Migalhas* (1987), demonstrando que empresários também escreviam na revista dos Annales:

A utilização do tempo verbal futuro e do condicional nos artigos da revista revelam-nos essa vontade de ser portadora de um saber operacional, útil aos responsáveis pela sociedade [...] A revista atrai os especialistas cuja tarefa essencial é agir sobre os aspectos econômicos e sociais.<sup>106</sup>

Essas interpretações demonstram que o interesse mais imediato da Escola dos Annales na década de 30 era servir aos técnicos e funcionários do Estado. Será a partir dessa linha de raciocínio que argumentará José Carlos Reis, historiador brasileiro especialista em historiografia e história intelectual.

A tese de fundo de José Carlos Reis a fim de justificar a vitória dos Annales é de que a representação histórica dos Annales fornecia uma nova "utopia, um caminho de paz, de repouso da consciência, de estabilidade e tranquilidade, de relação íntima

<sup>103</sup> DOSSE, François. **A História em migalhas**. São Paulo: Editora Ensaio, 1994, p. 132

<sup>104</sup> DOSSE, François. **A História em migalhas**. São Paulo: Editora Ensaio, 1994, p. 111-113

<sup>105</sup> BURGUIÈRE, André. **Histoire d'une histoire: la naissance des Annales**. Annales. Économies, Sociétés, Civilisations. Paris, N. 6, 34 Année, 1979, p. 1357

<sup>106</sup> DOSSE, François. **A História em migalhas**. São Paulo: Editora Ensaio, 1994, p. 69

com a eternidade”<sup>107</sup>. Em essência, o autor defende que Annales se projeta como um discurso de pacificação numa época caótica. A partir de uma leitura no filósofo alemão Jurgen Habermas, Reis situa a Escola dos Annales como um movimento “neoconservador”<sup>108</sup>. Conservador pois abraçaria a tendência tecnocrática, mas “nova” pois não rejeitaria a modernidade como um todo, antes manteria um posicionamento confiante frente à ciência e ao futuro – algo diferente dos conservadores tradicionais. Em suma, para o historiador brasileiro José Carlos Reis, os Annales “preferem frear a história, temendo o futuro desconhecido, a acelerá-la, cultuando um futuro pretensamente conhecido”<sup>109</sup>. Os Annales seriam, em essência, um movimento de caráter “antiiluminista”<sup>110</sup>.

O historiador espanhol Josep Fontana (1931-2018) possui uma linha de raciocínio similar com a de José Carlos Reis: “Annales é radical no estilo, mas acadêmica na forma e conservadora do ponto de vista político”<sup>111</sup>.

François Dosse identifica a Escola dos Annales sob um prisma parecido, como já assinalamos – e talvez seja o grande influenciador da teoria de José Carlos Reis. Dosse desenvolve uma teoria do poder em seu livro *A História em Migalhas*: desde a polis grega até os primórdios do século XX há um vínculo entre o poder e a História. “A história escreve o poder, é seu horizonte, seu espelho, seu sentido, ela lhe é consubstancial”<sup>112</sup>. A partir dessa interpretação sobre o poder, Dosse enxerga o movimento dos Annales como uma nova etapa nesse mesmo processo:

O discurso histórico muda de rumo para adaptar-se a essa evolução, e temos a revolução dos Annales nos anos 30, verdadeira ruptura epistemológica, deslocamento do olhar do historiador do aspecto político para o econômico e primeira fase de adaptação à modernidade [...] O novo discurso histórico, como os antigos, adapta-se igualmente ao poder e à ideologia existentes.<sup>113</sup>

A conclusão de Dosse sobre os Annales situa o movimento como uma historiografia que se “adaptou” ao poder. “Essa escola, bem adaptada ao sistema,

<sup>107</sup> REIS, José Carlos. **A escola dos Annales: a inovação em história**. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 29

<sup>108</sup> REIS, José Carlos. **A escola dos Annales: a inovação em história**. São Paulo: Paz e Terra, 2000 p. 156

<sup>109</sup> REIS, José Carlos. **A escola dos Annales: a inovação em história**. São Paulo: Paz e Terra, 2000 p. 171

<sup>110</sup> REIS, José Carlos. **A escola dos Annales: a inovação em história**. São Paulo: Paz e Terra, 2000 p. 172

<sup>111</sup> FONTANA, Josep. **A história dos homens**. Bauru: EDUSC, 2004, p. 278

<sup>112</sup> DOSSE, François. **A História em migalhas**. São Paulo: Editora Ensaio, 1994, p. 37

<sup>113</sup> DOSSE, François. **A História em migalhas**. São Paulo: Editora Ensaio, 1994 p. 254-255

pôde assim conquistar uma posição hegemônica”<sup>114</sup>. A vitória e o domínio dos Annales são explicados por Dosse, portanto, pela presença de um discurso antirrevolucionário, contrário às mudanças e as rupturas no seio da sociedade. Os Annales se tornaram hegemônicos por servirem a um ideal historiográfico essencialmente conservador e até mesmo reacionário. E para provar o seu ponto o historiador francês não se sente constrangido em atacar diversos membros influentes e poderosos da Escola dos Annales.

Philippe Ariès (1914-1984), principal representante da História Cultural francesa e participante da Escola dos Annales é reduzido às categorias de nostálgico e mistificador. “Um franco-atirador, Philippe Ariès [...] Mas seu olhar permanece profundamente nostálgico sobre a sociedade tradicional [...] até o ponto de apresentar, às vezes, a imagem mistificadora de uma idade do ouro”<sup>115</sup>. Dosse parece odiar certos setores da história das mentalidades. Para Dosse, a história cultural francesa serviria para um “ocultamento do real”: “Esse movimento [...] de vaivém entre o mental e o social muitas vezes provoca [...] o ocultamento do universo social por detrás do universo mental”<sup>116</sup>.

Pierre Chaunu (1923-2009) é outro historiador pertencente aos Annales alvo da cólera de François Dosse. “[...] o historiador mais prolixo de sua geração: Pierre Chaunu. Apóstolo do protestantismo, Cassandra dos tempos modernos, adverte nossa humanidade cristã [...] a cruzada está em nossos muros”<sup>117</sup>. A imagem que temos de Chaunu a partir de Dosse é a de um homem anacrônico. E Dosse continua: “Pai de seis filhos, aconselha o aumento da taxa de natalidade da população branca, ao rejeitar com desgosto o aborto que, para esse militante do ‘Deixem viver’, assemelha-se naturalmente a um crime”<sup>118</sup>. É muito difícil que um jovem historiador francês de esquerda tenha alguma simpatia pela figura de Pierre Chaunu ao ler essas poucas páginas de Dosse – e talvez por isso mesmo elas tenham sido escritas.

François Furet (1927-1997) é visto como inimigo da “revolução”. Os vínculos de Furet com os Annales são óbvios, e Dosse interpreta a produção de Furet pela lógica da já citada teoria do poder. O medo do aumento da concentração do poder nas mãos do Estado faz Furet voltar-se contra a Revolução Francesa, denunciando-a

<sup>114</sup> DOSSE, François. **A História em migalhas**. São Paulo: Editora Ensaio, 1994, p. 255

<sup>115</sup> DOSSE, François. **A História em migalhas**. São Paulo: Editora Ensaio, 1994, p. 202-203

<sup>116</sup> DOSSE, François. **A História em migalhas**. São Paulo: Editora Ensaio, 1994, p. 201

<sup>117</sup> DOSSE, François. **A História em migalhas**. São Paulo: Editora Ensaio, 1994, p. 218

<sup>118</sup> DOSSE, François. **A História em migalhas**. São Paulo: Editora Ensaio, 1994, p. 218

como a mãe do totalitarismo no século XX: “François Furet [...] considera, em 1978, que a essência dessa revolução, como de toda revolução, é totalitária”<sup>119</sup>. Dosse denuncia Furet como historiador reacionário, contrário ao elemento criador e positivo que foi a Revolução Francesa, acontecimento fundador do progresso. Segundo a sua própria teoria do poder, Dosse interpreta esses três historiadores de direita como homens submissos às novas estruturas de dominação no século XX. Eles meramente “realizavam” o propósito da historiografia desde os primórdios na Grécia Antiga: um discurso que se adapta ao poder.

Essa visão sobre a História é compartilhada por outros historiadores. Josep Fontana, por exemplo, também encara a historiografia da mesma forma: um discurso consubstancial ao poder. “As classes dominantes não temem a história – ao contrário, procuram produzir e difundir o tipo de história que lhes convém [...]”<sup>120</sup>.

Mesmo historiadores mais “à esquerda”, como Pierre Nora e Emmanuel Le Roy Ladurie não escapam de tais categorias. Haveria um encontro entre historiadores conservadores e historiadores ex-comunistas no movimento dos Annales. A historiografia dos Annales abandonaria a própria tradição historiográfica de entender a mudança e a ruptura e passou a analisar as continuidades, permanências e as tradições. “...esses historiadores com itinerários tão diversos reencontraram-se definitivamente sob a mesma bandeira”<sup>121</sup>. A presença da esquerda e da direita no movimento dos Annales não é um problema para a tese de François Dosse, pois até mesmo historiadores de esquerda teriam abandonado a perspectiva da mudança e da ruptura na História. E mesmo a presença de historiadores abertamente marxistas não modifica a sua perspectiva de um movimento dos Annales como uma historiografia conservadora: “No último período, é inevitável a constatação de que o discurso conservador e nostálgico sobrepujou aquele que [...] quer a preservação de uma história ligada à constituição de um futuro coletivo”<sup>122</sup>.

A tese de Dosse do movimento dos Annales como um movimento que traiu os ideais originais de Bloch e Febvre e se tornou, da terceira geração em diante, em um movimento conservador, depende de sua teoria sobre o poder. E essa tese está hoje tão amplamente difundida nos círculos mais críticos à Escola dos Annales que

---

<sup>119</sup> DOSSE, François. **A História em migalhas**. São Paulo: Editora Ensaio, 1994, p. 241

<sup>120</sup> FONTANA, Josep. **A história dos homens**. Bauru: EDUSC, 2004, p. 343

<sup>121</sup> DOSSE, François. **A História em migalhas**. São Paulo: Editora Ensaio, 1994, p. 220

<sup>122</sup> DOSSE, François. **A História em migalhas**. São Paulo: Editora Ensaio, 1994, p. 225

quaisquer outras propostas são esmagadas. Frente à tese de François Dosse, toda e qualquer teoria se torna uma migalha. A sua tese sobre o comportamento dos historiadores lembra a frase atribuída a Benedetto Croce de que toda História é contemporânea, a qual Dosse complementaria: e está também associada ao poder. Evidentemente que Dosse excluiria a sua própria produção historiográfica dessa categoria – seu livro de 1987 ao invés de demarcar a posição do poder da elite evidenciaria a tentativa de dar novamente o poder ao “povo”.

François Dosse em 1987 desejava “acelerar a História”. Era na época um historiador jovem, possuía apenas 37 anos e vivia num mundo em que a URSS ainda existia. Denuncia os seus colegas historiadores pertencentes aos Annales como velhos conservadores atrelados ao poder e à tentativa de “desacelerar a história”, transformando-a numa história de tipo imóvel: sem rupturas ou mudanças, sem a oportunidade do novo, sem a revolução transformadora e progressista. E reconhecemos que essa interpretação de François Dosse se tornou oficial, ao menos aos críticos dos Annales.

Contudo, acreditamos poder oferecer um novo olhar e uma nova perspectiva para compreender o movimento dos Annales. Não tanto uma tese, que não caberia aos propósitos mais imediatos dessa monografia, mas uma sugestão que pode encabeçar teses futuras, caso seja vista como produtiva e interessante.

### **3.2 A emergência dos indivíduos**

Se é verdade que antes de estudar a História é preciso entender como esta funciona na sociedade, como pensa Michel de Certeau, a Escola ou o movimento dos Annales é uma dessas experiências mais propícias ao pesquisador para realizar tal compromisso de investigação. Estudar os Annales significa estudar um movimento de longa duração marcado por acontecimentos. Nesse sentido, é preciso devolver vida aos indivíduos e aos eventos pertencentes ao quadro geral da historiografia francesa a fim de permitir uma melhor compreensão das mudanças ocorridas no século XX na França. As ações dos indivíduos e dos grupos importam, pois estas estão repletas de subjetividades que marcam os momentos de ruptura e descontinuidade. Em essência, acreditamos numa História caracterizada pela contingência: a história como fluxo de acontecimentos poderia ter sido outra que não a nossa, e é dever do historiador perceber essas possibilidades em sua escrita da História. Não há coerência alguma

em imaginar que o século XX demandava por um espírito de renovação e que tal renovação obrigatoriamente tivesse que partir da historiografia francesa. Essa História contínua, linear e que reinterpreta os fatos como necessários é totalmente a-histórica.

Frases como “demanda”, “necessidade” ou “espírito da época” são usualmente utilizadas para justificar a vitória dos Annales. Os Annales nesse sentido representam mero “paciente” que assiste o desenrolar da história. O domínio desse grupo na França é encarado como natural a partir dessa premissa. Às vezes um outro argumento surge à tona para justificar a vitória e o domínio dos Annales: os seus adversários eram fracos. “Eles foram medir forças contra um certo setor historiográfico cientificamente frágil, mas que estava bastante fortalecido nos meios acadêmicos por que era, na verdade, dominante nos quadros da história oficial”<sup>123</sup>. O que todos esses argumentos têm em comum é a necessidade de explicar a vitória dos Annales pela exclusão da participação de seus próprios membros integrantes. Isso significa que para compreendermos os Annales, precisamos voltar aos argumentos que não excluem a premissa da contingência histórica.

A tese fundamental de François Dosse atende a todas as perspectivas a qual estamos considerando como válidas. Isso significa que há individualidades, há ação e há “contingência” em *A História em Migalhas* (1987). Mas também há uma ausência considerável: François Dosse abandona a pretensão de justificar a vitória dos Annales pela capacidade que esse movimento possuiu de atrair a juventude historiográfica francesa, incluindo ele próprio. Não é possível, com efeito, explicar o próprio livro de François Dosse pela tese de Dosse – se a natureza da historiografia é a sua relação com o poder, Dosse e outros poucos iluminados no século XX representariam uma ruptura com esse projeto multimilenar. Isso seria igual a dizer que “toda história é contemporânea” em uma página para em outra defender o oposto disso. Em outras palavras, ou o livro de François Dosse também é uma historiografia adaptada ao poder ou contradiz os seus próprios termos argumentativos. A contradição coincidiria com a premissa básica de que o seu próprio livro é uma ruptura, uma descontinuidade – uma nova “revolução francesa na historiografia”<sup>124</sup>. Isso não seria um pouco demais?

---

<sup>123</sup> BARROS, J.D'A. **Teoria da História - Volume V: A Escola dos Annales e a Nova História.** Petrópolis: Vozes, 2012, p. 72

<sup>124</sup> BURKE, Peter. **A revolução francesa na historiografia – a Escola dos Annales (1929-1989).** São Paulo: Unesp, 1992. Livro eletrônico, edição digital Le Livros. O historiador inglês Peter Burke (1937-) cunhou a expressão “revolução francesa na historiografia” para se referir aos Annales.

Lendo *A História em Migalhas* pouco entendemos o fascínio que os Annales representaram para uma multidão de jovens franceses. Apesar de presencermos ações humanas, estas são mecanizadas no livro de Dosse. “A nova história apresenta-se, então, como uma máquina contra o pensamento dialético”<sup>125</sup>. As ações são necessárias e impossíveis de serem outras. A historiografia necessariamente está adaptada ao poder e justamente por isso tornou-se hegemônico o movimento dos Annales. Não há livre arbítrio: Furet, Chaunu, Ariès entre outros são historiadores que lutam pela demolição do progresso da humanidade. É como se tivessem nascido dessa forma. A historiografia inteira é interpretada dessa forma: uma luta para se adaptar ao poder dominante.

Deveríamos, ao contrário, tentar entender o poder de atração que os Annales submeteram aos jovens historiadores franceses. Sem isso não será possível entender o movimento dos Annales. O poder, antes de representar uma legitimação pelo uso historiográfico, demarca também as possibilidades da obediência. Ou seja, a História não é apenas consubstancial ao poder, mas é sobretudo atraída a obedecê-lo. E nesse caso, a palavra poder deve ultrapassar as fronteiras do poder social e político – sem isso não se entende a obediência religiosa ou ideológica. Qual é o poder real que pessoas como Marc Bloch e Lucien Febvre possuíam na França em meados da década de 1930? Quase nulo. Eram acadêmicos respeitados, podiam reprovar alguns alunos, mas fora isso não possuíam poder de fato. Ainda sim, foram os pais fundadores de um movimento que, segundo Dosse, está associado ao poder. Para que a tese de François Dosse funcionasse, seria preciso rastrear as intenções “conservadoras” dos Annales anteriores às da terceira e quarta geração. E Dosse faz isso: embora elogie Bloch e Febvre, não deixa de afirmar que desde a fundação da revista há tendências tecnocratas. A passagem da tendência tecnocrata ao reacionarismo da terceira e quarta geração torna-se autoexplicativa na abordagem de Dosse.

O que falta ao livro de Dosse é o que procuramos desenvolver na primeira parte dessa monografia. Dosse interpreta a história como consubstancial ao poder, mas apenas ao poder político-social. Ampliamos esse conceito e acrescentamos também a concepção de um “poder mimético”, a qual já avaliamos e daremos prosseguimento futuro.

---

<sup>125</sup> DOSSE, François. **A História em migalhas**. São Paulo: Editora Ensaio, 1994, p. 232

Seguindo as observações do filósofo Paul Ricoeur (1913-2005) a respeito do círculo hermenêutico<sup>126</sup>, procuramos ler alguns dos principais livros dos pais fundadores da Escola dos Annales. Em nossas leituras, procuramos estabelecer não apenas o “lugar de produção” daquelas obras, como recomenda Michel de Certeau<sup>127</sup>, mas sobretudo o eixo de possibilidades dos leitores em seu processo de transformação mediante a absorção da narrativa histórica. Líamos obras como *Apologia da História* com os mesmos olhos dos jovens historiadores franceses da Escola dos Annales e procuramos na primeira parte dessa monografia apresentar uma narrativa que fosse coerente com todas essas observações. E chegamos a esta conclusão: a Escola dos Annales foi um movimento que procurou “salvar” a História como disciplina. A maior parte dos historiadores dizem a mesma coisa, mas com outras palavras.

Numa obra organizada pelos historiadores Christian Delacroix, François Dosse e Patrick Garcia, *Correntes Históricas na França Contemporânea* (2005), lemos que:

É porque julgam que os metódicos fracassaram na defesa da história como disciplina autônoma e *cientificamente legítima* que Bloch e Febvre optaram por atrelar a história às ciências sociais objetivantes de filiação durkheimiana. *O projeto dos Annales deve ser analisado como uma resposta ao desafio de deslegitimação lançado – direta ou indiretamente – à história pelas outras disciplinas científicas* (quer pertençam às ciências da natureza, quer às ciências sociais) [...] Para os Annales, a história deve tornar-se uma ciência social, para não mais isolar-se no campo científico.<sup>128</sup>

A História como disciplina corria o risco de perder legitimidade frente às outras ciências. Era necessário se desvincular da filosofia – isto é, a filosofia da história de contornos muito “alemães” – e abraçar a própria tradição francesa dos metódicos em opor-se e desconfiar de toda e qualquer prática filosófica. Marc Bloch e Lucien Febvre desejavam “atualizar” a História, isto é, desejavam salvá-la, torná-la legítima ao século XX – e para isso almejavam acrescentá-la ao epíteto de história científica ou “ciência em construção”:

O que dá certa coerência e unidade ao projeto de Bloch e Febvre é a sua vontade de *traduzir e desenvolver de maneira crítica para a história as inovações e evoluções das outras ciências*, mesmo se, é claro, as inflexões possam ser diferentes numa e outra, segundo os contextos de intervenção.

<sup>126</sup> BARROS, J.D'A. **Teoria da História – Vol IV: Acordes Historiográficos**. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 236-241

<sup>127</sup> BARROS, J.D'A. **A Fonte Histórica e seu lugar de produção**. Petrópolis: Vozes, 2020, p. 13-18

<sup>128</sup> DELACROIX, C; DOSSE, F; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 196 [nossos grifos]

Mas o que eles visam a reconstruir é uma identidade epistemológica para a história que a vincule às outras ciências e ao mesmo tempo a singularize.<sup>129</sup>

O que procuramos demonstrar é justamente aquilo a qual Bloch e Febvre chamavam de “espírito dos Annales”. Entendemos como espírito dos Annales não apenas as suas bases e formulações, mas a capacidade de ter sido influente na França, ou seja, em sua capacidade própria e única de se tornar dominante e vitoriosa. Nesse sentido, não imaginamos que o caráter “conservador”, “tecnocrático” ou de “discurso adaptado ao poder” seja a nota final a qual poderíamos atribuir a tal espírito dos Annales. Essa interpretação subordina a atuação dos atores participantes do processo histórico a uma perspectiva ideológica: a subordinação dos historiadores ao poder econômico. François Dosse e José Carlos Reis se aproximam de uma interpretação muito próxima ao materialismo histórico ao sugerirem teses parecidas para explicar a vitória e o domínio dos Annales. O maior risco dessas abordagens talvez seja o possível caráter reducionista de atribuir ao movimento a qual participam diversos historiadores de variadas matizes como participantes de um único bloco “neoconservador”. Seria essa a essência ou o “espírito” da Escola dos Annales?

A palavra espírito é uma palavra forte e ao mesmo tempo, correta. Ela significa que os historiadores mais jovens que Marc Bloch, Lucien Febvre e até mesmo Fernand Braudel, em termos gerais, sentiam algum desejo de seguir tais homens em suas vontades. O espírito dos Annales é, por natureza, a sua essência. E essa essência tem que ser algo que fez parte da característica de todos os historiadores pertencentes ao movimento, e não de grupos ou indivíduos isolados. O “espírito dos Annales” é algo que atinge a todos os historiadores que pertenceram ao movimento dos Annales. Em suma: o nosso interesse consiste em desvendar as bases que permitiram a vitória e a continuidade histórica dos Annales no tempo.

Compreender a historiografia na França no século XX perpassa necessariamente na compreensão do movimento dos Annales. Como um grupo conseguiu transformar-se em poucos anos num grupo hegemônico? “Após a Segunda Guerra os rebeldes tomaram o establishment histórico”<sup>130</sup>. Como isso aconteceu? Quais foram as razões? O que favoreceu esse estado de coisas? José Carlos Reis

---

<sup>129</sup> DELACROIX, C; DOSSE, F; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 164-165 [nossos grifos]

<sup>130</sup> REIS, José Carlos. **A escola dos Annales: a inovação em história.** São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 93

concorda que os Annales não começaram tão bem o projeto de renovação da historiografia. A respeito da revista, afirma que:

Apesar das condições favoráveis ao seu sucesso, a revista não obteve um crescimento imediato [...] Após a Segunda Guerra a Revue Historique caiu e os Annales cresceram progressivamente em número de páginas e em área de influência [...] A partir daí, foi a revista de história que mais cresceu e mais influência exerceu no mundo<sup>131</sup>.

O historiador Josep Fontana (1931-2018) parece concordar com essa opinião:

Se Annales tivesse encerrado a trajetória em 1944, seu lugar neste livro não teria passado de uma modesta nota de rodapé. A história real da escola começa no pós-guerra, com a ascensão pessoal de Febvre, convertido em personagem-chave da cultura oficial, que intervém "em todos comitês e comissões da vida científica francesa", na UNESCO, etc.<sup>132</sup>

Essas afirmações não são uma interpretação propriamente dita. A maior parte dos historiadores concordam em dizer a mesma coisa: até 1945 a revista dos Annales era apenas mais uma revista acadêmica em circulação na França, sem muito sucesso ou impacto em sua própria área. Mas tudo mudou após a Segunda Guerra. Eis a sucessão dos acontecimentos: a criação da 6 seção em 1947, do Maison em 1963 e a transformação da 6 seção em universidade em 1975. Uma vitória institucional dos Annales.

Se decidíssemos utilizar a lente que enxerga os Annales como um movimento tecnocrático ou “neoconservador”, todas as flutuações e todos os aspectos internos da Escola estariam atribuídas, sob certa medida, a esse mesmo filtro interpretativo. A história quantitativa, as séries históricas, a história das mentalidades; frases como as de Emmanuel Le Roy Ladurie que imaginava que o historiador do futuro seria um grande técnico do uso do computador etc. Tudo é e pode ser visto como uma tentativa de “adaptar-se ao poder” ou a “desacelerar a história”, como imagina Dosse e Reis. Ao contrário, sugerimos que as observações dos movimentos intestinos dos Annales sejam reavaliados a partir de uma nova ótica interpretativa.

O próprio surgimento da história quantitativa deve ser visto como um movimento natural dentro do eixo de possibilidades proporcionados pelo próprio Annales. A passagem do modelo qualitativo ao modelo quantitativo não representa uma heresia dentro da heresia, não representa uma ruptura, mas sim um avanço no

<sup>131</sup> REIS, José Carlos. **A escola dos Annales: a inovação em história**. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 94-95

<sup>132</sup> FONTANA, Josep. **A história dos homens**. Bauru: EDUSC, 2004, p. 271.

ulterior projeto de salvação da disciplina de História. José Carlos Reis nos lembra que Pierre Chaunu acreditava que a História merecia a posição modesta de mera “auxiliar” das ciências sociais e que isso seria visto como uma “promoção”<sup>133</sup>. Chaunu encarna, nesse pensamento, a mesma lógica de que a salvação da História como disciplina importava mais do que a sua própria posição na esfera dos estudos do homem como um todo. E isso não vem dele. Vem dos pais fundadores. A própria atuação da Nouvelle Histoire, vista como antitética aos altos ideais dos pais fundadores, na realidade se vincula a sua maior inspiração: salvar a História. A Nouvelle Histoire abandona a concepção de uma história total por uma história de “tudo”<sup>134</sup>, e isso pode ser interpretado como absolutamente normal.

A dedicatória ao computador também pode ser encarada nesse mesmo processo: “No seu ‘Le Territoire de l’historien’, Le Roy Ladurie se dedicou a produzir uma apologia do computador como instrumento de pesquisa fundamental do historiador”<sup>135</sup>. Para Le Roy Ladurie, o historiador deveria apegar-se ao novo instrumento tecnológico se desejava preservar a própria profissão. A legitimidade da história no futuro estaria determinada pelo uso do computador. Le Roy Ladurie não para na polêmica do computador e começa a produzir novos *insights* a respeito da história. O historiador francês vai ainda além, acreditando que a realidade histórica é sobretudo uma realidade de tipo “imóvel”, a qual José Carlos Reis condena: “A posição de Le Roy Ladurie é peculiar. Ele quis levar a intuição original dos Annales às últimas consequências e, parece-nos, chega ao pecado mortal do exagero”<sup>136</sup>. O que é visto como exagero nós atribuímos uma naturalidade advinda da própria realidade aprendida na historiografia francesa no século XX: a necessidade de salvar a História.

Longa duração, história quantitativa, história das mentalidades...são todas formas de obedecer ao legado de Bloch e Febvre. A Escola dos Annales é de fato uma tentativa de adaptar-se ao poder, mas não ao poder econômico. O movimento dos Annales é um movimento que surge a partir de 1945, marcado profundamente pelo desastre da Segunda Guerra e pela morte de Marc Bloch. Entre 1929 e 1945 a revista dos Annales era uma revista de poucos leitores e pequena influência na

<sup>133</sup> REIS, José Carlos. **A escola dos Annales: a inovação em história**. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 110

<sup>134</sup> DOSSE, François. **A História em migalhas**. São Paulo: Editora Ensaio, 1994, p. 181-183

<sup>135</sup> REIS, José Carlos. **A escola dos Annales: a inovação em história**. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 115

<sup>136</sup> REIS, José Carlos. **A escola dos Annales: a inovação em história**. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 118

França. Mas tudo muda após o desastre e o colapso da Ocupação. O movimento começa logo no início do pós-guerra a tornar-se hegemônico na França. Se o desejo dos historiadores estava vinculado a uma tentativa de “desacelerar” o tempo histórico, isso não muda o foco do que estamos tentando estabelecer: eles estão tentando desacelerar a história inspirados por quem e a partir de qual circunstância? Qual é o fogo que alimenta essa história pretensamente conservadora que é a terceira e quarta geração dos Annales? A partir da primeira parte dessa monografia fica evidente que para nós, o acontecimento fundador da instituição a qual chamamos de “movimento dos Annales” é a morte do historiador Marc Bloch. Sem a morte de Marc Bloch – e a própria guerra – seria impensável imaginar a hegemonia da Escola dos Annales na França.

Essa interpretação depende necessariamente da concepção de que o espírito, isto é, a essência dos Annales, essência esta que explica e justifica a sua vitória e dominação na historiografia francesa, é constituída pelo poder de atração que as palavras e os escritos de Bloch, Febvre e Braudel representaram para toda uma geração de jovens historiadores franceses. A tentativa de “salvar a história” torna-se o norte do grupo, marcado profundamente pelo sacrifício de Marc Bloch. Bloch, historiador preocupado em salvar a “História”, isto é, a disciplina acadêmica, também procurou em vida salvar a “história” dos homens a partir do combate ao inimigo interno no período da Ocupação. E morreu acreditando tanto no poder da ação como no poder das palavras – Bloch é o historiador que escreve um livro sobre a história num campo de concentração, sem saber se aquelas palavras seriam lidas ou não. Esse poder de acreditar na força da História – de lutar e morrer por ela – é que constituirá o imaginário dos primeiros annalistas na segunda metade do século XX.

O movimento dos Annales é uma tentativa de adaptar-se ao poder. Mas esse poder não é de caráter político ou econômico, como imagina Dosse. Os historiadores dos Annales atenderam ao chamado de Marc Bloch e Lucien Febvre: decidiram obedecer ao poder intelectual dos mestres fundadores. E não quisquer mestres fundadores. Bloch e Febvre eram vistos como pais espirituais, guerreiros em combate contra positivistas e fascistas na década de 1930 e 1940. Jacques Le Goff, François Furet, Philippe Ariès, Pierre Chaunu, Pierre Nora, Emmanuel Le Roy Ladurie...o que todos esses homens têm em comum será irrevogavelmente o que definirá a essência, isto é, o espírito dos Annales, e inegavelmente justificará a sua vitória e domínio na historiografia francesa. Eis a interpretação a qual procuramos desenvolver até aqui e

que será melhor explicada nas próximas páginas: o que todos esses historiadores têm em comum é o desejo de imitar os altos ideais de Marc Bloch e Lucien Febvre. O movimento dos Annales é um movimento que consome o acontecimento fundador, replicando-o sob novas faixas e luzes. Isso explica a natureza das justificações míticas dos Annales. Mas é sobretudo um movimento que se adapta a um poder muito antigo e bem configurado de inspirações mítico-religiosas. Em suma, se os próprios “annalistas” desenvolveram teses míticas para explicar a sua vitória, deveríamos dar uma maior atenção a estas mesmas explicações a fim de entender melhor o próprio movimento dos Annales.

### **3.3 Uma interpretação mimética da Escola dos Annales**

A Escola dos Annales revela um esquema de poder a qual tenho chamado nesse capítulo de *poder mimético*. Mas para se alcançar tal resposta convém primeiramente realizar um retorno a fim de estabelecer o processo que permitiu chegar a tal conclusão. É urgente que nas próximas páginas seja exposto a natureza de nossa pesquisa, nossos erros iniciais, reformulações e novos resultados alcançados.

Tudo começou numa leitura curiosa de *Imitação de Cristo*, do monge medieval Tomás de Kempis (1380-1471). Ali foi possível perceber o que significava para o autor a realização máxima do propósito do cristão na terra: a imitação incondicional do fiel ao modelo visto como máximo de perfeição humana. Esse modelo é na religião cristã a figura de um homem: Jesus Cristo. Imitar a Jesus Cristo consiste para o cristão, portanto, na transformação de suas vontades e ações em novas vontades e novas ações. Tudo isso pode parecer bem óbvio sendo dito dessa maneira, mas as consequências que podem ser retiradas desse pequeno processo talvez ainda não tenham sido devidamente apreciadas. Isso significa que ao ler o livro *Imitação de Cristo* já não era mais possível identificar um sujeito chamado Tomás de Kempis, mas sim um novo homem que transformou os próprios desejos em novos desejos. Já não havia alguém a quem poderíamos nos dirigir por um nome.

A tradição conservou ao menos duas grandes passagens que representam o desaparecimento de uma individualidade a partir do surgimento de novas vontades. Em Gálatas 2:20 observamos o Apóstolo Paulo de Tarso afirmando que: “Já estou

crucificado com Cristo. Assim, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim”<sup>137</sup>. Em João 8:43-44 observamos Jesus proferir um alerta curioso aos judeus que não aceitavam o seu caráter divino: “Por que não entendéis a minha linguagem? Por não poderdes ouvir a minha palavra. Vós tendes por pai ao diabo e *quereis satisfazer os desejos de vosso pai* [...]”<sup>138</sup>. Não há nenhum traço de apologética em minhas análises e observações. Se desloco o tema em tamanha proporção apenas o faço a fim de facilitar o mecanismo a qual estou me referindo a algum tempo: o poder mimético representa um artifício real e que precisa ser demonstrado.

E o cristianismo apresenta o melhor contexto para exemplificar a hipótese do esquema inteiro. No cristianismo a vontade de um se tornou o desejo de muitos. A crucificação de um único homem logo se transformou na crucificação de inúmeros indivíduos. Se não se entende isso não se compreenderá a história do Ocidente nos últimos dois mil anos: um projeto de longa duração apenas possui continuidade quando possui indivíduos dispostos a continuá-lo no tempo. E essa continuidade somente poderá ocorrer por meio da obediência. A história da Igreja inteira se revela assim como uma história do Poder.

Norberto Bobbio (1909-2004) em seu *Dicionário de Política* define o poder como a “capacidade ou a possibilidade de agir, de produzir efeitos”<sup>139</sup>. “Poder” acaba sendo visto como algo que “alguém” ou um grupo possui:

[...] Contudo, não existe Poder, se não existe, ao lado do indivíduo ou grupo que o exerce, outro indivíduo ou grupo que é induzido a comportar-se tal como aquele deseja [...] Isso demonstra que o meu Poder não reside numa coisa (no dinheiro, no caso), mas no fato de que existe um outro e de que este é levado por mim a comportar-se de acordo com os meus desejos. O poder Social não é uma coisa ou a sua posse: é *uma relação entre as pessoas*.<sup>140</sup>

Bobbio dá prosseguimento, mostrando que existem diversos recursos à disposição a fim de fazer exercer o Poder: persuasão, manipulação, coerção etc.<sup>141</sup> Mas faltou na lista um último item disponível, silencioso, disfarçado em inúmeras

<sup>137</sup> BÍBLIA, N.T. Gálatas. **Bíblia Sagrada**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012, p. 1852-1853 [nossos grifos]

<sup>138</sup> BÍBLIA, N.T. João. **Bíblia Sagrada**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012, p. 1673 [nossos grifos]

<sup>139</sup> BOBBIO, Norberto. **Dicionário de Política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, p. 933.

<sup>140</sup> BOBBIO, Norberto. **Dicionário de Política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, p. 934 [nossos grifos].

<sup>141</sup> BOBBIO, Norberto. **Dicionário de Política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, p. 938.

instâncias e que poderíamos até mesmo considerar como invisível aos olhos de diversos pesquisadores, mas que foi reconhecido pelo antropólogo francês René Girard: o desejo mimético.

René Girard (1923-2015) foi um sociólogo e antropólogo francês e é o criador da teoria mimética<sup>142</sup>. Para René Girard, o ser humano é naturalmente imitativo. A imitação para Girard tem um caráter de apropriação e conflito. Diferentemente de outros antropólogos que veem a imitação como a representação de uma natureza pacífica e conservadora dos povos antigos, Girard acentua a imitação como a base para o conflito no seio da sociedade primitiva.

Para Girard, toda a cultura humana se desenvolve dessa simples estrutura: o desejo mimético. A fim de provar esse raciocínio Girard passeia por diversas sociedades antigas a fim de investigar o funcionamento de todo o seu sistema cultural. Os tabus, os rituais, o fenômeno religioso – enfim, toda a cultura nasce do conflito provocado pelo desejo mimético. Se nós desejamos o que o “outro” deseja, isso significa que em algum momento haverá um conflito em torno do objeto. O triângulo de rivalidade se caracteriza por meio de três coisas: o objeto, o que deseja o objeto e um terceiro que deseja o desejo do outro<sup>143</sup>. Girard acredita que toda comunidade primitiva tenha passado pelo mesmo processo e que isso resultou em um conflito sangrento: o desejo pelo objeto logo se converteu no desejo de violência para conquistá-lo ou mantê-lo afastado do outro<sup>144</sup>.

A teoria de Girard é complexa. E por causa disso o atual capítulo havia sido escrito inicialmente de uma outra forma. Procurou-se investigar a Escola dos Annales como se ela exigisse o mesmo tipo de repetição mimética das comunidades primitivas com a sua crise das diferenças e a consequente construção do aparato religioso. O resultado final soou um tanto quando exagerado e por causa disso precisou ser refeito. Isso significa que a leitura de Girard para a Antiguidade parece-nos correta, mas ao analisarmos o funcionamento da sociedade na contemporaneidade é necessário um pouco de cuidado. Ao invés de avaliarmos a Escola dos Annales por meio do

---

<sup>142</sup> A teoria de Girard pode ser definida como uma teoria geral sobre o sacrifício. Ao imaginar o homem como ser que deseja, Girard chegou à conclusão de que tal comportamento mimético foi o responsável pela ordem e violência no seio da sociedade primitiva. O fenômeno religioso, as regras culturais, as proibições (tabus) estão todos englobados numa explicação estruturalista antropológica.

<sup>143</sup> GIRARD, René. **Coisas Ocultas Desde a Fundação do Mundo**. São Paulo: Paz e Terra, 2009, p. 344-348.

<sup>144</sup> GIRARD, René. **A violência e o sagrado**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

funcionamento da vítima expiatória preferiu-se dar preferência para a estrutura que garante todo o funcionamento da teoria de Girard: o desejo mimético.

O ser humano deseja o desejo do outro, eis a premissa básica para entendermos a teoria de Girard. Ora, se nós desejamos o desejo do outro, qual é a origem do primeiro que desejou? A questão é fundamental para compreendermos a teoria mimética: o cerne do problema não está no primeiro sujeito, mas sim no segundo. No triângulo de rivalidade é o segundo que deseja o desejo do primeiro, mesmo que tal desejo primordial sequer exista na prática<sup>145</sup>. Isso significa que é o segundo indivíduo que se apropria do desejo. É ele que representa a forma total da compreensão do desejo mimético.

Girard enxerga o desejo mimético como artifício de conflitos. E isso é óbvio quando percebemos que o desejo está associado a objetos. Mas deveríamos nos perguntar: é possível haver o desejo mimético sem objetos bem definidos? A resposta é positiva. É o caso das psicopatologias, hipnoses e possessões<sup>146</sup>. Na teoria girardiana a psicose é uma relação com o “outro” em que o louco não consegue perceber uma diferença entre o “eu” e o “outro”; suas vontades se tornam as vontades do outro no sentido mais literal possível: ele crê ser o “outro” propriamente dito. Há uma perda total da individualidade nesses casos. Sujeitos que acreditam ser o próprio Jesus Cristo entram nessa categoria: o desejo mimético aqui realizou uma descida tão profunda que permitiu ao sujeito absorver o desejo do “outro” a ponto de perder a própria identidade. Contudo, fenômenos como hipnose e possessão também se enquadram na categoria do desejo sem objetos, mas diferentemente da psicose, há uma permanência da individualidade do sujeito.

Os termos hipnose e possessão se forem lidos de maneira usual hão de provocar uma concepção distante da qual estamos propondo no presente trabalho. Devemos ler “hipnose” e “possessão” apenas como desejos miméticos sem objeto a qual a individualidade do sujeito não é perdida. Em ambos os casos, especialmente na hipnose, há o modelo que se incorpora aos meus desejos. A mimesis nesse caso

---

<sup>145</sup> Ao segurar uma pedra bonita o indivíduo “A” não necessariamente a deseja. Tanto que poderia largá-la logo em seguida. Mas o ato em si de segurar pode despertar no sujeito B uma concepção de desejo. Esse “desejar o desejo do outro”, portanto, deve ser lido a nível do segundo indivíduo, sempre. O sujeito B ao desejar a pedra gera por sua vez no indivíduo A uma nova concepção a respeito da pedra: o de também desejá-la. O efeito é multiplicador e pode ultrapassar a fronteira do triângulo de rivalidade e englobar um número maior de pessoas. Nesse ponto estamos nos distanciando de Girard um pouco.

<sup>146</sup> GIRARD. R. *Coisas Ocultas Desde a Fundação do Mundo*. São Paulo: Paz e Terra, 2009, p. 367

se afasta do eventual conflito e abraça apenas o seu caráter positivo: é o duplo sem o *double bind*<sup>147</sup>. Isso quer dizer que na hipnose há a figura do hipnotizador, senhor de todas as vontades, que se transforma no modelo perfeito das minhas próprias vontades: o que o hipnotizador quer que eu faça, eu faço. O indivíduo hipnotizado deseja o desejo do hipnotizador sem perder a própria individualidade e substancialidade; com efeito, não está passando por um fenômeno psicótico. O hipnotizador tem poder sobre o hipnotizado à medida que transforma os próprios desejos nos desejos do “outro”:

[...] Todas as técnicas hipnóticas nada mais fazem que reproduzir, tão fielmente quanto possível, as condições de fixação do sujeito sobre o modelo, condições que irão permitir ao desejo do sujeito modelar-se a partir do desejo do Outro.<sup>148</sup>

Como havíamos dito anteriormente: o desejo mimético implica, necessariamente, numa nova teorização sobre o Poder:

[...] Assim como o hipnotizado não vê nada além do objeto brilhante apresentado pelo apresentador. De resto, esse lhe diz: ‘Agora você só está ouvindo a minha voz’. E de fato... o desejo mimético é a perda da relatividade, a absolutização do modelo. E também limitação da liberdade...<sup>149</sup>

Se Poder é uma relação entre as pessoas, como define Norberto Bobbio, é momento de anunciamos o desejo mimético como um vínculo com potencialidade do exercício do Poder. Embora na teoria a hipnose aparenta pertencer à categoria da “manipulação”, apenas se realiza essa leitura se interpretarmos “hipnose” em seu sentido literal. Ao contrário, como estamos tentando demonstrar, hipnose e “possessão” devem ser lidas aqui como situações específicas a qual ocorre o desejo mimético sem objetos e, portanto, sem o caráter usual de conflito decorrente do desejo.

Marc Bloch quis “salvar a História”, ou melhor: foi interpretado dessa forma pelos historiadores dos Annales. Esse foi o tema do primeiro capítulo do presente trabalho. Já é momento de percebemos que o “querer” de Bloch se transformou no “poder” realizado pelos jovens historiadores que continuaram o projeto de renovação

<sup>147</sup> René Girard chama de *Double Bind* o vínculo mimético entre dois indivíduos a qual ocorre uma relação de imitação e conflito.

<sup>148</sup> GIRARD. R. **Coisas Ocultas Desde a Fundação do Mundo**. São Paulo: Paz e Terra, 2009, p. 373

<sup>149</sup> GIRARD. R. **Coisas Ocultas Desde a Fundação do Mundo**. São Paulo: Paz e Terra, 2009, p. 374

historiográfico. A Escola dos Annales nos revela um esquema inteiramente novo a partir dessa observação: o desejo de Bloch se converteu também no desejo de seus continuadores. Isso explica a fama da Escola dos Annales apenas após o pós-guerra. O movimento se tornou hegemônico na França não por representar um movimento de renovação na historiografia, tampouco por representar uma adaptação ao “poder” por meio do discurso. A vitória e o domínio dos Annales na França revelam o esquema do desejo mimético: o desejo do mestre se transformou no desejo dos pupilos, “hipnotizados” ou “possuídos” pela ideia central de salvar a História.

A teoria da leitura de Paul Ricoeur é muito útil nessa integração. Para Ricoeur, toda narrativa termina na figura de um leitor ou ouvinte que se apropria da história. O leitor absorve a trama para si a age no mundo. Nesse sentido, não é impressionante que um movimento de hegemonia intelectual tenha surgido a partir da leitura dos livros e artigos dos pais fundadores dos Annales? É como se todos eles estivessem agindo no mundo da mesma forma. E uma das formas de explicar isso é pelo desejo mimético: o desejo de uns poucos se transformaram no desejo de muitos. O efeito do desejo mimético é multiplicativo: à medida que mais e mais sujeitos aderem ao movimento mais e mais indivíduos se sentem mobilizados a entrarem no circuito do desejo. O resultado é a hegemonia do movimento na França.

O leitor que se apropria intensamente é o leitor que deseja. A teoria da apropriação e do leitor de Ricoeur se encontra com a teoria do desejo mimético de Girard. Nesse sentido, apenas é possível rastrear a origem do desejo pela consequência provocada pelo mesmo: todo o presente trabalho é uma tentativa disso. Se há a consequência – hegemonia de um movimento intelectual --, há também uma origem – o desejo dos pupilos de imitarem o desejo do mestre. Há ações individuais que caminham na mesma direção: uma tentativa grupal de “salvar a História”. O que parece “hipnose” ou “possessão” revela-se na verdade como uma nova forma de poder: o poder mimético.

No espaço da convivência humana há desejos, vontades e ações individuais. Usualmente somos tentados a acreditar que nossos desejos, vontades e ações representam de fato o que somos. Dificilmente rastreamos as origens dos nossos desejos. Dificilmente percebemos que os nossos desejos estão afetados pela presença do “Outro”. Tudo o que há de mais íntimo no nosso ser talvez represente a presença do “Outro” em nós. É urgente compreender a importância de uma “arqueologia do desejo” – iniciativa maior da vida intelectual de René Girard na

Universidade de Stanford. É somente pela percepção de que somos indubitavelmente criaturas de desejo que podemos aceitar a concepção de que os nossos desejos se referem, acima de tudo, às vontades do sujeito que não sou “eu”. Isso implica na noção de que onde há desejo haverá também a diminuição do “eu” para o crescimento do “Outro”.

O desejo serve de orientação para as vontades e a ação. Isso significa que os nossos desejos que orientam a nossa própria vida podem ser os desejos de outrem. Esse é o significado da Igreja ao longo dos últimos dois mil anos: há uma tentativa de realizar a vontade de Jesus Cristo por meio da absorção da narrativa principal, apropriada de maneira intensa pelos ouvintes. O desejo de Cristo logo se transforma no desejo dos outros de imitarem-no<sup>150</sup>. Sob certa medida é também dessa forma a qual enxergamos a Escola dos Annales: os historiadores dos Annales seguem os pais fundadores no desejo de “salvar a História” e com isso apagam razoavelmente (mas não totalmente) a própria individualidade, sufocada pela presença do “Outro”. Em ambos os casos é possível dizer que há uma relação de poder.

O *poder mimético* consiste precisamente nisto: a transformação do desejo original em um novo desejo que está orientado para ações e vontades novas. Notemos que essa é a própria definição do poder dada por Bobbio. Ao que falta à definição original nós ampliamos o escopo pela conceituação do desejo mimético. O sujeito A realiza novas ações a partir da observação de B não porque está sob persuasão, coerção, ameaça, manipulação etc. “A” realiza novas ações tendo “B” como modelo. Isso significa que quando olhamos para “A” estamos na realidade observando “B” como vontade herdada. Imitar a Jesus Cristo, por exemplo, significa que Cristo tem poder sobre você. E imitar o desejo de Marc Bloch de “salvar a História” significa que Bloch tem poder sobre você. O poder advém justamente da capacidade da realização de certos efeitos e, nesse caso, de efeitos que ultrapassam os limites de vida do indivíduo-modelo. O Império Romano que crucificou a Jesus Cristo se transformou em um império cristão três séculos depois desse acontecimento. Marc Bloch, preso e fuzilado em um campo de concentração, ainda sim conseguiu mobilizar toda a historiografia francesa em torno de sua ideia principal de renovação e legitimação da

---

<sup>150</sup> GIRARD. R. **Coisas Ocultas Desde a Fundação do Mundo**. São Paulo: Paz e Terra, 2009, p. 225. Girard reinterpreta o cristianismo inteiro entre as páginas 225 até 311 em seu livro. Segundo Girard, ao invés de representar um mero “sacrifício”, a morte de Cristo possui um significado completamente novo. O resultado é o fundamento principal: os desejos por objetos são substituídos por um novo desejo de imitação, o que é lido pela tradição religiosa como a “Salvação”.

disciplina histórica. Isso significa que mesmo na morte e, talvez, por causa dela, o desejo mimético se revela intensamente na forma de um poder mimético.

O poder mimético ultrapassa a fronteira da própria presença física do indivíduo-modelo. Por isso é correto dizer que ele é um novo tipo de poder: não há, de maneira geral, coerção, manipulação, persuasão, ameaça etc. O que há é uma pessoa que funciona como modelo que instiga desejos imitativos em inúmeros outros sujeitos, transformando as vontades destes na vontade daquele. E isso pode ultrapassar as décadas, séculos...milênios. É um poder “invisível” que mantém um controle muito próprio sobre as individualidades. Ele usualmente não é percebido justamente pela própria forma a qual é mantido: transformarmos o desejo do “Outro” em nosso desejo e passamos a pensar que o novo desejo sempre foi nosso.

Pode-se questionar a validade de tal transformação do desejo em poder. “Poder” usualmente está associado a efeitos mais ou menos controlados e que estejam à disposição de um sujeito que mantém o “Poder”. Nesse caso, o “poder mimético” não representaria um poder de fato, visto que não está bem definido se foi o modelo que o criou ou se foram os seguidores que o desenvolveram. Certamente não é o modelo que o cria – ao menos não inteiramente. O modelo do desejo apenas entrega todas as oportunidades para servir de objeto de imitação. São os “seguidores” que se apropriam da narrativa e que transformam o mundo por meio do desejo mimético. Nesse momento específico é possível dizer que estão “hipnotizados” ou “possuídos” pelo desejo do “Outro”.

Objeções diversas podem ser levantadas quanto a este fato. Estaríamos recorrendo a ideia de um poder que é exercido por um indivíduo apenas no exato momento em que existem pessoas disponíveis a imitá-lo. Mas o mesmo não é verdadeiro para o conceito de “Poder” usualmente aceito? Há apenas a presença do “Poder” quando existem pessoas disponíveis a obedecê-lo. Apenas precisaríamos expandir a nossa definição de obediência a fim de percebermos que onde há a presença da imitação há também a presença de uma obediência.

Em suma, foi possível perceber que para o presente trabalho a Escola dos Annales revela um esquema de poder. Como todo esquema de poder, há obediência. Há ações que apenas podem ser realizadas pela presença de indivíduos dispostos a obedecer determinadas vontades. Esse esquema de poder que controla a Escola dos Annales é o poder mimético: o desejo de imitar a vontade dos pais fundadores. Assim como Marc Bloch, Lucien Febvre e Fernand Braudel tinham como desejo a “salvação

da História”<sup>151</sup>, este mesmo desejo tornou-se o carro-chefe do movimento inspirado por tais sujeitos. Historiadores de diversas matizes políticas e teóricas nos Annales estavam todos unidos em torno desse mesmo ideal. “Salvar a História” era legitimá-la como ciência e como atividade intelectual necessária para o futuro da civilização. Empenhados em tal ideal desenvolveram e nutriram um setor enorme da historiografia francesa com novos conceitos, novas ideias e novas perspectivas de pensamento. A Escola dos Annales venceu a disputa contra o tempo pois além de ter se tornado hegemônica perdurou em um processo que pode ser categorizado como de longa duração. Todo pesquisador sobre os Annales precisa ter em vista esses aspectos principais: a hegemonia e a longa duração do movimento. Acreditamos que o conceito de desejo mimético permite uma explicação plausível para tais acontecimentos.

---

<sup>151</sup> Ou assim foram interpretados pelos outros historiadores do movimento.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola dos Annales tornou-se hegemônica na França e é um movimento intelectual que se caracteriza por possuir um “espírito” próprio, ou seja, uma identidade que marca a maior parte dos seus representantes. Diversos historiadores procuraram esclarecer qual espírito seria esse e demarcar o posicionamento dessa corrente historiográfica no quadro de disputas acadêmicas na França. No último capítulo vimos as duas principais explicações para a vitória e o domínio dos Annales: José Carlos Reis, conceituando o movimento como “neoconservador” e François Dosse que, a partir de uma teoria sobre o poder, enxerga os Annales como uma continuidade da historiografia que obedece ao poder de tipo político-social. Há boas razões para acreditar que ambas as teorias estejam certas. Ao menos em parte. É inegável a presença de historiadores liberais e conservadores no movimento dos Annales e somente a citação de alguns dos mais famosos deles é suficiente para entendermos as opiniões de Dosse e Reis: lembremos de François Furet, Philippe Ariès, Pierre Chaunu etc. Mas é também verdade que existem historiadores de esquerda nos Annales: lembremos os nomes de Jacques Le Goff, Georges Duby, Michel Vovelle, Robert Mandrou, Pierre Nora etc. A maioria desses sendo favorável ao materialismo histórico. A relação entre marxismo e Escola dos Annales por si só já resultaria numa pesquisa que ultrapassaria as intenções da presente monografia; por ora, basta-nos a percepção de que o movimento dos Annales possui divergências internas e que se caracteriza pela presença de historiadores de diferentes matizes políticos e teóricos.

O “espírito dos Annales” deve ser algo que englobe a totalidade dos historiadores que participaram desse movimento de renovação da historiografia na França. E chegamos à esta conclusão: a Escola dos Annales de fato representa uma continuidade historiográfica que procura adaptar-se ao poder. Mas não ao poder político ou econômico, como fica subentendido nas teses de José Carlos Reis e François Dosse. A vitória e a consequente hegemonia dos Annales na França é um caso típico de poder e autoridade intelectual. É isto que está presente no imaginário de quase todos os historiadores pertencentes aos Annales: o desejo de imitar os pais fundadores do movimento. As vontades, as atitudes e os desejos de uns poucos se

tornaram a identidade de muitos<sup>152</sup>. Eis o que procuramos sublinhar no primeiro capítulo dessa presente monografia: os Annales representaram uma tentativa de “salvar a História” – e nos dois sentidos. Para isso, recorremos aos escritos de Marc Bloch, Lucien Febvre e Fernand Braudel, procurando interpretá-los a partir da premissa do círculo hermenêutico de Paul Ricoeur. Os escritos dos pais fundadores dos Annales – especialmente os de Marc Bloch – foram lidos tendo sempre em vista os olhos dos historiadores dos Annales também inspirados pelos mesmos textos. O desejo de Marc Bloch de salvar a História tornar-se-á também o desejo de historiadores como Pierre Chaunu, Michel Vovelle, Georges Duby, François Furet etc. Esse é o principal desejo imitativo dos Annales, totalmente inspirado nos pais fundadores: o desejo total e constante de “salvar” a História.

E no que consiste essa tentativa de salvar a História? De um ponto de vista pragmático representa uma abertura metodológica e teórica que permitiu o movimento dos Annales tornar-se interdisciplinar. Salvar a História consiste precisamente em garantir a legitimidade como disciplina acadêmica respeitável e durante o século XX isso foi realizado por meio do ecumenismo e ecletismo. Mas salvar a História também coincide com o eixo da “história” como fluxo dos acontecimentos: a salvação da disciplina representa ipso facto a salvação do próprio homem no tempo. A civilização Ocidental – ou outra que venha substitui-la no futuro – necessitará dos conhecimentos históricos; precisará das narrativas históricas. Sem isso a própria dinâmica do tempo ver-se-á reduzida a pó. Em outras palavras, para a maior parte dos historiadores pertencentes ao movimento dos Annales não havia nada mais urgente que isto: legitimar a disciplina e garantir a sua continuidade no tempo. Esse desejo eles aprenderam com os pais fundadores: salvar a história coincidia em “salvar” a civilização do futuro.

Os historiadores dos Annales imitaram o desejo de Marc Bloch, Lucien Febvre e, sob certa medida, Fernand Braudel. Utilizamos a teoria do desejo mimético do antropólogo francês René Girard para justificar essa abordagem. Vivendo em comunidades antigas ou modernas há a presença do desejo imitativo em cada indivíduo de nossa espécie. A teoria de Girard passeia pela Antiguidade e demonstra as consequências miméticas nas sociedades primitivas, a origem do sagrado e de todo o aparato cultural humano. Procuramos evidenciar na presente monografia a

---

<sup>152</sup> E o efeito é multiplicador. À medida que novos historiadores aderem a tal desejo a tendência é que seu conjunto aumente consideravelmente. Eis o domínio de um movimento intelectual.

utilidade de tal teoria para pensarmos as sociedades modernas. O desejo imitativo nem sempre resulta em violência – e isso fica evidente na construção da religião cristã. O desejo de imitar, isto é, o desejo de “imitar o desejo do outro” torna-se claro e evidente na construção do cristianismo de Paulo de Tarso, continuador da vontade de outro homem. É esse desejo poderoso de tornar viva a memória e a vontade de “líderes” ou “mestres” mortos que, às vezes, passa despercebido nas investigações historiográficas. Não podemos ignorar mais, por exemplo, o efeito hipnótico garantido por certas palavras dadas por indivíduos vistos como autoridades. Em outros termos, concordamos com a premissa de que a História está associada ao poder, mas discordamos quanto a concepção de que tal poder tenha o caráter de ser exclusivamente social ou político que se revela sob a forma de discursos; em verdade, essa monografia é uma pequena contribuição para a noção de que toda e qualquer atividade intelectual poderá também estar associado ao próprio poder intelectual.

Este é o poder invisível que atravessa continentes e séculos: a vontade herdada de imitar o desejo de outro. Durante dois milênios esse foi o caráter do desenvolvimento religioso no Ocidente: preparar as almas para a morada eterna. Nos últimos séculos houve uma mudança de paradigma. Insatisfeitos em esperar pelo paraíso a qual talvez nunca alcancem – por duvidarem de sua existência --, os homens procuraram antecipá-lo na própria esfera da realização mundana: o paraíso terreno que há de ser alcançado de qualquer jeito. E esse novo paradigma – a nova religião política que surge no século XIX – é também fruto do desejo de imitar a vontade de certos homens. Obviamente que seria leviano não perceber que a esfera político-social possui um peso considerável nisso. Mas o nosso foco é outro. Uma continuidade histórica que ultrapassa os limites de vida de um único indivíduo não pode estar associada de forma reduzida à meras questões econômicas ou políticas, mesmo que estas exerçam certa influência inegável. O desejo de imitar a vontade de outros homens é uma submissão a certo tipo de autoridade – religiosa no paradigma antigo, intelectual no paradigma moderno. Sob certa medida, foi a partir dessa perspectiva que procuramos avaliar a Escola ou movimento dos Annales.

A escola dos Annales é um movimento intelectual que se tornou dominante na historiografia francesa. E conseguiu isso pois os seus seguidores – ou melhor, os seus continuadores – transformaram o desejo dos pais fundadores de “salvar a história” em seus próprios desejos de também salvá-la. Os historiadores pertencentes ao movimento dos Annales imitam a todo momento a vontade dos pais fundadores. Isso

explicaria o fato da Escola dos Annales possuir historiadores com diferentes padrões teóricos e políticos no seio do movimento. Isso justificaria a própria evolução interna do movimento; não há contradição alguma no surgimento dos conceitos como longa duração, história quantitativa, história serial nas décadas de 1950 em diante. Tampouco há contradição nos chamados “retornos” na década de 1980: o retorno da narrativa, da história política e da perspectiva filosófica. Ora, é inegável que a tentativa de “salvar a história” original de Bloch e Febvre consistia num abraço fraterno às emergentes ciências sociais e um afastamento indelicado às pretensões filosóficas: uma tentativa vista como viável a fim de transformar a História numa disciplina científica. Mas é também verdade que tal afastamento com a filosofia não é uma novidade dos Annales em si, mas uma realidade de quase toda a historiografia francesa desde o século XIX. Isso significa que se para Bloch e Febvre o “salvar a História” poderia consistir em transformá-la numa disciplina científica por meio da absorção das ciências sociais, isso não quer dizer que os sucessores da Escola dos Annales deveriam fazer o mesmo. Para além dessa tentativa de vinculá-la à “ciência” há algo maior que permanece no horizonte de todos os annalistas desde os pais fundadores do movimento: a história precisa continuar de forma legítima na sociedade e isso ora pode significar uma aproximação com as “ciências” ora pode significar um afastamento.

O que se convencionou chamar de “virada crítica” dos anos 1980 pode ser interpretado como uma espécie de contrarreforma dos Annales. O que antes era considerado objeto de desprezo pelos historiadores passou a ser visto como uma possibilidade coerente da manutenção do discurso histórico. O historiador Bernard Lepetit (1948-1996) pode ser considerado um grande expositor desse novo programa de renovação em que a antítese dos Annales logo se transformou em objeto de salvação do movimento<sup>153</sup>.

Coerência ou contradição? Depende do modelo teórico utilizado para investigar a história da Escola dos Annales. A partir do ponto de vista exposto na presente monografia, procurou-se investigar a vitória e o domínio dos Annales na França como uma vitória de um grupo cujos membros procuraram durante décadas imitar o desejo de “salvar a História”, desejo este compartilhado não por um grupo específico de historiadores pertencentes aos Annales, mas por todos. Além disso, é preciso

---

<sup>153</sup> DELACROIX, C; DOSSE, F; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 340-341

salientar a própria evolução histórica do movimento, que também precisa ser explicada. Isso significa que dentro do quadro conceitual empregado não há contradição na chamada “virada crítica” dos anos 1980 e 1990 nos Annales na França. A “virada crítica” é mais um capítulo na história de “salvar a história” por parte dos membros dos Annales. A “virada crítica” é uma nova repaginada na longa duração em que se procurou revitalizar a disciplina histórica, entregar certa legitimidade e dar continuidade como aparato intelectual da civilização.

Poder-se-ia questionar a validade de tal pressuposto. “Salvar a história” estaria coincidindo com um “tudo vale” ou “tudo é possível”. Aceitamos essa crítica, mas reafirmamos o valor positivo das nossas interpretações: embora seja uma interpretação ela está balizada pela própria realidade. Os fatos são estes: o movimento dos Annales desde há muito é acusado de trair os “altos ideais” de Marc Bloch e Lucien Febvre<sup>154</sup>. Posteriormente é acusada de trair novamente os seus próprios ideais e transformar-se numa outra coisa, absorvendo a história política, a narrativa e a perspectiva filosófica<sup>155</sup>. Como um movimento que passa por tantas transformações ao longo de tantas décadas pode continuar existindo com um mínimo de orientação conceitual? Essa foi uma das respostas que procuramos responder ao longo da presente monografia. Em sua tentativa de meramente “salvar a História” os Annales certamente estão abertos a orientações diversas, altamente contraditórias em si e que tal fato somente se torna óbvio com o tempo. Isso resulta em certos questionamentos: quais são os resultados que um movimento intelectual pode adquirir? Isto é, um estudo aprofundado da Escola dos Annales demonstra que nem sempre as pretensões iniciais de um movimento hão de se preservar ao longo do tempo.

Responder à pergunta: o porquê do movimento dos Annales ter sido vitorioso e dominante na França, eis a razão de ser dessa monografia. Acreditamos ter atingido o nosso principal objetivo ao procurar delinear as razões que justificam a posição da Escola dos Annales. O movimento venceu historicamente, isto é, teve continuidade no tempo pois os seus líderes foram vistos como autoridades intelectuais pela nova juventude acadêmica na França do pós-guerra. Essa juventude será aquela formada

---

<sup>154</sup> DOSSE, François. **A História em migalhas**. Campinas: Editora Ensaio, 1994, p. 97-98

<sup>155</sup> DELACROIX, C; DOSSE, F; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 336-356

pelos historiadores mais famosos do movimento. Eles não somente viam Bloch e Febvre como “autoridades” mas também imitaram os desejos desses pais fundadores de “salvar a História”. Esse desejo imitativo permanece até os dias atuais, o que explica a longa duração e maleabilidade do movimento.

A discussão é relevante para todos os historiadores. As pesquisas historiográficas durante muito tempo abdicaram de uma análise pormenorizada dos intelectuais – herança esta do próprio *Annales*. Os intelectuais eram vistos como a minoria elitista e foram menosprezados em função dos estudos sociais mais largos, em moda nas últimas décadas. René Remond (1918-2007) em sua coleção *Por uma História Política* nos mostra uma visão diferente:

Tanto mais que, para quem estuda a ação dos intelectuais, surge obrigatoriamente o problema de seu papel e de seu “poder”, problema que, de uma forma prosaica, pode ser assim resumido: teriam esses intelectuais, em uma determinada data, influído no acontecimento?<sup>156</sup>

Não é possível mais ignorar a força do poder intelectual no cenário historiográfico. Os intelectuais representam, por vezes, a força de invasão e ocupação definitivas de uma cultura. São eles que delimitam o ponto de discussão de uma dada questão. São os intelectuais que contribuem para a formação dos acontecimentos históricos, o que procuramos demonstrar ao longo de toda a monografia. Estudar um movimento intelectual implica necessariamente em entender o seu funcionamento na sociedade – o próprio processo de surgimento, fortalecimento e enfraquecimento no mundo das ideias; as modas passageiras e duradouras. Eis uma das maiores justificativas para que trabalhos semelhantes começem a se desenvolver nos espaços acadêmicos: entender os intelectuais consiste precisamente em entender a nossa real situação no mundo.

As discussões sobre os *Annales* hão de continuar no tempo. Novas interpretações certamente hão de surgir nos próximos anos e décadas. Esperamos ter contribuído com o debate sobre o universo dos intelectuais e o universo da historiografia francesa, unindo dois acadêmicos franceses muito diferentes entre si: Paul Ricoeur e René Girard. Uma síntese entre ambos foi possível e proveitosa. Unindo o círculo hermenêutico e a teoria mimética numa grande síntese foi possível reinterpretar a história da Escola dos *Annales* sob uma nova perspectiva, certamente

---

<sup>156</sup> REMOND, R. **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 235

útil para novos debates e pesquisas que serão realizadas no futuro. As próximas pesquisas devem atentar-se ao mundo intelectual dos Annales. Entender os Annales consiste em compreender os indivíduos pertencentes ao movimento, suas estratégias, redes de influências, troca de correspondências, conversas em grupos etc. Pesquisas mais aprofundadas recolhendo fontes primárias e até mesmo fontes inéditas certamente hão de caminhar nessa direção de avaliar os Annales não pela interpretação econômica ou puramente política, mas sobretudo intelectual.

A força intelectual do nosso mundo moderno é a antiga força de caráter profético do velho mundo adormecido. Os nossos intelectuais são os novos bardos cantando poemas épicos que são assimilados por todos; a forma como enxergam o mundo logo se torna patrimônio da humanidade. Entendê-los consiste precisamente em avaliar a nossa real situação no mundo e o futuro que nos aguarda.

## REFERÊNCIAS

ANTISERI, Dario; REALE, Giovanni. **Filosofia: Idade Contemporânea, vol 3.** São Paulo: Editora Paulus, 2018.

BARROS, J.D'A. **Teoria da História - Volume V: A Escola dos Annales e a Nova História.** Petrópolis: Vozes, 2012.

\_\_\_\_\_. **Teoria da História – Vol IV: Acordes Historiográficos.** Petrópolis: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. **Teoria da História Vol III: Paradigmas Revolucionários.** Petrópolis: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. **A Fonte Histórica e seu lugar de produção.** Petrópolis: Vozes, 2020.

BESSELAAR. J.V.D. **Introdução aos estudos históricos.** São Paulo: Editora Herder, 1972.

BLOCH, Marc. **A Estranha Derrota.** Rio de Janeiro: Zahar, 2011. Livro eletrônico, edição digital Le Livros.

\_\_\_\_\_. **Apologia da História.** Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

BLOCH, Marc; FEBVRE, Lucien. **A nos lecteurs.** Annales d'histoire économique et sociale. Estrasburgo. N 1. p. 1-2. Janeiro. 1929.

BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a História.** São Paulo: Perspectiva, 1978

\_\_\_\_\_. **Personal Testimony.** The Journal of Modern History, n. 4, vol 44, dez. Chicago: University of Chicago, 1972

BOUDON, Raymond. **A Ideologia**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. **As Escolas Históricas**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1990.

BURGUIÈRE, André. **Histoire d'une histoire: la naissance des Annales**. Annales. Économies, Sociétés, Civilisations. Paris, N. 6, 34 Année, 1979.

BURKE, Peter. **A revolução francesa na historiografia – a Escola dos Annales (1929-1989)**. São Paulo: Unesp, 1992. Livro eletrônico, edição digital Le Livros.

DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

DOSSE, François. **A História**. Bauru: EDUSC, 2003.

\_\_\_\_\_. **A História em migalhas**. São Paulo: Editora Ensaio, 1994.

\_\_\_\_\_. **O Império do Sentido: a humanização das ciências humanas**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

FONTANA, Josep. **A história dos homens**. Bauru: EDUSC, 2004.

FURET, François. **A oficina da história**. Lisboa: Gradiva, 1991.

GIRARD, René. **A violência e o sagrado**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

\_\_\_\_\_. **Coisas Ocultas Desde a Fundação do Mundo**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

REIS, José Carlos. **A escola dos Annales: a inovação em história.** São Paulo: Paz e Terra, 2000.

REMOND, René. **Por uma História Política.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

REVEL, Jacques. **Histoire et sciences sociales: les paradigmes des Annales.** Annales. Économies, Sociétés, Civilisations. Paris, N. 6, 34 Année, 1979.

RICOEUR, Paul. **História e Verdade.** Rio de Janeiro: Editora Forense, 1968.



---